

**GOSTARIA DE BAIXAR
TODAS AS LISTAS
DO PROJETO MEDICINA
DE UMA VEZ?**

CLIQUE AQUI

ACESSE

WWW.PROJETOMEDICINA.COM.BR/PRODUTOS



Projeto Medicina

Exercícios com Gabarito de Português

Sintaxe - Período Composto

1) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."

Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira - CADA PESSOA SE PUNHA NA PONTA DOS PÉS - chama-se:

- a) absoluta
- b) principal
- c) coordenada assindética
- d) coordenada sindética
- e) subordinada

2) (Mack-2004) "De acordo com uma pesquisa de uma universidade inglesa, não importa em qual ordem as letras de uma palavra estão, a única coisa importante é que a primeira e a última letras estejam no lugar certo. O resto pode ser uma bagunça que você pode ainda ler sem problema. Isso é porque nós não lemos cada letra isolada, mas a palavra como um todo." Não, o trecho acima não

foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: "O cérebro aplica um sistema de inferência nos processos de leitura. Esse sistema, chamado 'sistema de preenchimento', se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares", explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: "Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira", diz Damasceno.

No trecho Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira,

- a) inteira tem função de complemento nominal e quantifica o predicado aquilo é uma caneta.
- b) a última oração exerce a função de adjunto adnominal, sendo, portanto, classificada como oração adjetiva.
- c) Quando introduz uma circunstância relativa a frequência e pode ser substituído por "Toda vez que".
- d) uma ponta de caneta e uma caneta inteira têm, no período, a mesma função sintática.
- e) por exemplo introduz uma das possibilidades de interpretação da imagem da ponta de caneta mencionada na oração anterior.

3) (UEPB-2006) "O governo federal não pode tratar igualmente os desiguais, tem de investir mais nas regiões **que** venha possibilitar um crescimento maior e a unificação desses dois Brasis." (Correio da Paraíba, 24/05/05) Listamos abaixo (de I a IV) explicações sobre o termo **QUE**, sob os aspectos morfológico e sintático. Assinale a alternativa (de a a e) que corresponde à(s) justificativa(s) possível(is) quanto à escolha do autor no trecho citado:

- I. **QUE** é uma conjunção consecutiva e estabelece uma relação de resultado ou consequência entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
 - II. **QUE** é uma conjunção final (com elipse da preposição "para") e estabelece uma relação de finalidade entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
 - III. **QUE** é um pronome relativo e expressa noção de ênfase à possibilidade de crescimento e unificação dos dois Brasis.
 - IV. **QUE** é um pronome relativo e tem como referente o termo "regiões".
- a) Apenas a explicação IV está correta.
 - b) As explicações III e IV estão corretas.
 - c) Apenas a explicação I está correta.
 - d) Apenas a explicação II está correta.
 - e) As explicações I e II estão corretas.

- 4) (Mack-2005) ⁰¹ Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se ⁰² diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa. ⁰³ Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era ⁰⁴ a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica- ⁰⁵ se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...). ⁰⁶ As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de ⁰⁷ sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o ⁰⁸ está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher ⁰⁹ palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora, ¹⁰ mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro ¹¹ de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.

José de Alencar

Explica-se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto.
Considerando o contexto, assinale a alternativa que é correta e mantém o sentido da frase acima transcrita.
a) O estremecimento que ambos reciprocamente sofreram deu-se pelo contato, e isso explica-se.
b) Ambos Aurélia e Seixas estremeceram; assim, pode-se explicar que sofreram pelo contato mútuo.
c) Sofreram um contato entre eles, logo o estremecimento ocorreu, e explica-se o fato.
d) Portanto, está explicado o estremecimento que um e outro sofreram ao contato recíproco.
e) Mutuamente sofreram, ambos, o contato entre um e outro, dado que houve um estremecimento, o que se pode explicar.

5) (UFSC-2007)

TEXTO 2

- 1 “ ‘Há mais de meio século’, continuou. ‘Eu era moleque, e eles uns curumins que já carregavam tudo, iam dos barcos para o alto da praça, o dia todo assim. Eu vendia tudo, de porta em porta. Entrei em centenas
- 5 de casas de Manaus, e quando não vendia nada, me ofereciam guaraná, banana frita, tapiquinha com café. Em vinte e poucos, por aí, conheci o restaurante do Galib e vi a Zana... Depois, a morte do Galib, o nascimento dos gêmeos...’ ”

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 133.

Ainda considerando o TEXTO 2, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Em “Eu era moleque, e eles uns curumins que já carregavam tudo” (linhas 1-2) houve, na segunda oração, elipse de um verbo, cuja compreensão é possível a partir da leitura da oração anterior.
02. “Em vinte e poucos, por aí, [...]” (linhas 4-5) corresponde semanticamente a *Quando eu tinha vinte e poucos anos...*
04. Na frase “Entre em centenas de casas de Manaus” (linha 3), pode-se substituir a forma verbal por “entrava”, sem prejuízo do sentido.
08. Na última sentença do excerto, o paralelismo sintático obtido através da omissão dos verbos em nada prejudicou a compreensão do texto.
16. No trecho apresentado, a expressão “por aí” (linha 5) faz referência ao local onde o casal Galib e Zana se conheceu.

6) (FGV - SP-2007)

À aldeia chamam-lhe Azinhaga, está naquele lugar por assim dizer desde os alvares da nacionalidade (já tinha foral no século décimo terceiro), mas dessa estupenda veterania nada ficou, salvo o rio que lhe passa mesmo ao lado (imagino que desde a criação do mundo), e que, até onde alcançam as minhas poucas luzes, nunca mudou de rumo, embora das suas margens tenha saído um número infinito de vezes. A menos de um quilómetro das últimas casas, para o sul, o Almonda, que é esse o nome do rio da minha aldeia, encontra-se com o Tejo, ao qual (ou a quem, se a licença me é permitida), ajudava, em tempos idos, na medida dos seus limitados caudais, a alagar a lezíria* quando as nuvens despejavam cá para baixo as chuvas torrenciais do Inverno e as barragens a montante, pletóricas, congestionadas, eram obrigadas a descarregar o excesso de água acumulada. A terra é plana, lisa como a palma da mão, sem acidentes orográficos dignos de tal nome, um ou outro dique que por ali se tivesse levantado mais servia para guiar a corrente aonde causasse menos dano do que para conter o ímpeto poderoso das cheias. Desde tão distantes épocas a gente nascida e vivida na minha aldeia aprendeu a negociar com os dois rios que acabaram por lhe configurar o carácter, o Almonda, que a seus pés desliza, o Tejo, lá mais adiante, meio oculto por trás da muralha de choupos, freixos e salgueiros que lhe vai acompanhando o curso, e um e outro, por boas ou más razões, omnipresentes na memória e nas falas das famílias.
*Lezíria: planície de inundação junto a certos rios.
Saramago, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Na constru o chamam-lhe Azinhaga, o pronome lhe:
a) Reitera Azinhaga.

- b) Tem valor possessivo.
- c) Realça o objeto direto.
- d) Expressa tratamento cerimonioso.
- e) Reitera aldeia.

7) (Mack-2001) A moça não era formosa, talvez nem tivesse graça; os cabelos caíam despenteados, e as lágrimas faziam-lhe encarquilhar os olhos.

Assinale a alternativa correta em relação ao fragmento acima.

- a) formosa e graça são, sintaticamente, predicativos do sujeito moça.
- b) Na estrutura sintática predomina a subordinação.
- c) A anteposição do adjetivo despenteados ao verbo alteraria o sentido da oração.
- d) O pronome oblíquo refere-se a lágrimas.
- e) O ponto e vírgula estabelece a relação de concessão entre as orações.

8) (ITA-2002) A norma gramatical não é seguida com rigor em:

Água Pura. Valorizando a vida.

Assinale a opção indicativa da transgressão:

- a) As frases incompletas não fazem sentido.
- b) Na segunda frase não há oração principal.
- c) As frases estão fora de ordem.
- d) O tempo verbal está inadequado.
- e) Não há sujeito na segunda frase.

9) (UFTM-2007) Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!

E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!
Misérrimo! votei meus pobres dias
À sina douda de um amor sem fruto...
E minha alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.
Que me resta, meu Deus? morra comigo
A estrela de meus cândidos amores,
Já que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!
(Álvares de Azevedo, Adeus, meus sonhos!; em *Lira dos Vinte Anos*)

A oração em destaque no período – E tanta vida que meu peito enchia morreu – tem a mesma classificação sintática que a oração destacada em:

- a) Que me resta, meu Deus?
- b) Morra comigo a estrela [...] já que não levo no meu peito morto.

- c) Dorme como um olhar.
- d) Adeus meus sonhos, eu pranteio e morro!
- e) Como um olhar que a morte envolve em luto.

10) (IBMEC-2006) Assinale o período composto por três orações somente.

- a) Os homens se esquecem de que a verdadeira amizade é fundamental.
- b) Nunca fiz questão de que você viesse no horário.
- c) Vou ao cinema agora, ele ao teatro, mas nos encontraremos à noite.
- d) Tua chegada causa espanto e admiração, faz com que eu sonhe e delire.
- e) Nunca mais ouviram falar daquele caso. O pouco que soubemos veio pelos jornais.

11) (Faap-1997) BAILADO RUSSO
Guilherme de Almeida

A mão firme e ligeira
puxou com força a fieira:
e o pião
fez uma elipse tonta
no ar e fincou a ponta
no chão.

É o pião com sete listas
de cores imprevistas.
Porém,
nas suas voltas doudas,
não mostra as cores todas
que tem:

- fica todo cinzento,
no ardente movimento...
E até
parece estar parado,
teso, paralisado,
de pé.

Mas gira. Até que, aos poucos,
em torvelins tão loucos
assim,
já tonto, bamboleia,
e bambo, cambaleia...

Enfim,
tomba. E, como uma cobra,
corre mole e desdobra
então,
em hipérboles lentas,
sete cores violentas
no chão.

"O pião parece estar parado mas gira". Começando o período pela segunda oração, sem prejuízo do sentido, escreveríamos:

- a) O pião gira, porque parece estar parado.
- b) O pião gira, quando parece estar parado.
- c) O pião gira, embora pareça estar parado.
- d) O pião gira, desde que pareça estar parado.
- e) O pião gira, para que pareça estar parado.

12) (FMTM-2005) Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por pronto.

(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*. Adaptado)

Assinale a alternativa em que se identifica corretamente, nos parênteses, o sentido da circunstância expressa pela oração em destaque no período.

- a) O compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la. (comparação)

b) Era a sobrinha [...] já muito desenvolvida, porém, que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça. (condição)

c) ...se o não dissemos, fique agora dito. (modo)

d) ...como andava mal penteada [...], uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. (causa)

e) ...depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto. (lugar)

13) (Mack-1996) Guilherme possui a revista. Nesta revista, foram publicados os artigos. Necessito dos artigos da revista. Falei ontem, por telefone, com o pai de Guilherme. Aponte a alternativa que apresenta a transformação correta dessa seqüência de frases em um período composto por subordinação.

a) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos que necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.

b) Guilherme possui a revista, na qual foram publicados os artigos que necessito, e falei ontem, por telefone, com o pai dele.

c) Guilherme possui a revista em que foram publicados os artigos os quais necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.

d) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos os quais necessito, por isso falei ontem, por telefone, com seu pai.

e) Guilherme, com cujo pai falei ontem, por telefone, possui a revista em que foram publicados os artigos de que necessito.

14) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um soneto do simbolista brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914), uma passagem de um texto escrito em Bristol, em 1879, por Eça de Queirós (1845-1900) e um trecho do *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade (1893-1945).

Soneto

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)

Idealismo e Realismo

Eu sou pois associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a *idéia nova*, sei pouco mais ou menos o que chamam aí a *escola realista*. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo, termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por “naturalismo” ou “arte experimental”. Aceitemos, porém, *realismo*, como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.

(...)

Não - perdoem-me - não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos dum mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar dum artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert, como Zola é diferente de Dickens. Dizer “escola realista” é tão grotesco como dizer “escola republicana”. O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como o positivismo é a forma experimental que toma a filosofia. Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenômenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exactos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola - é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas...

(Eça de Queirós. Cartas Inéditas de Fradique Mendes. In: *Obras de Eça de Queirós*.)

Prefácio Interessantíssimo

24 Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório - questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural - tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis

do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.

*

25 Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc... Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical. Esta idealização livre, subjetiva, permite criar todo um ambiente de realidades ideais onde sentimentos, seres e coisas, belezas e defeitos se apresentam na sua plenitude heróica, que ultrapassa a defeituosa percepção

dos sentidos. Não sei que futurismo pode existir em quem quase perfilha a concepção estética de Fichte. Fujamos da natureza! Só assim a arte não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia... colorida.

(Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. In: *Poesias completas*. 1987.)

Os processos de coordenação e de subordinação, quando surgem de modo recorrente ao longo de um mesmo período, podem produzir seqüências bastante simétricas, que facilitam não apenas a compreensão, mas também o reconhecimento da própria estrutura sintática adotada. Releia o último período do segundo parágrafo do

fragmento de Eça de Queirós e, a seguir,

a) indique o substantivo que, repetido simetricamente ao longo do período, apresenta sempre a mesma função sintática nas orações em que se insere;

b) fazendo as eliminações de conectivos que julgar necessárias e alterando a pontuação, transforme esse período composto por coordenação e subordinação em três períodos.

15) (UFMG-2007) Na sociedade neoliberal, cresce a produção de bens supérfluos, oferecidos como mercadorias indispensáveis. O consumidor, massacrado pela publicidade, acaba se convencendo de que a saúde de seu cabelo depende de uma determinada marca de xampu. Melhor cortar a cabeça do que viver sem o tal produto...

Para o neoliberalismo, o que importa não é o progresso, mas o mercado; não é a qualidade do produto, mas seu alcance publicitário; não é o valor de uso de uma mercadoria, mas o fetiche que a reveste.

Compra-se um produto pela aura que o envolve. A grife da mercadoria promove o status do usuário. Exemplo: Se

chego de ônibus à casa de um estranho e você desembarca de um BMW, acredita que seremos encarados do mesmo modo?

Para o neoliberalismo, não é o ser humano que imprime valor à mercadoria; ao contrário, a grife da roupa “promove” socialmente seu usuário, assim como um carro de luxo serve de nicho à exaltação de seu dono, que passa a ser visto pelos bens que envolvem sua pessoa.

Em si, a pessoa parece não ter nenhum valor à luz da ótica neoliberal. Por isso, quem não possui bens é desprezado e excluído. Quem os possui é invejado, cortejado e festejado. A pessoa passa a ser vista (e valorizada) pelos bens que ostenta.

O mercado é como Deus: invisível, onipotente, onisciente e, agora, com o fim do bloco soviético, onipresente. Dele depende nossa salvação. Damos mais ouvidos aos profetas do mercado - os indicadores financeiros - que à palavra das Escrituras.

Idolatrias à parte, o mercado é seletivo. Não é uma feira livre, cujos produtos carecem de controle de qualidade e garantia. É como shopping center, onde só entra quem tem (ou aparenta ter) poder aquisitivo.

O mercado é global. Abarca os miliardários de Boston e os zulus da África, os vinhos da mesa do Papa e as peles de ovelha que agasalham os monges do Tibete. Tudo se compra, tudo se vende: alfinetes e afetos; televisores e valores; deputados e pastores. Para o mercado, honra é uma questão de preço.

Fora do mercado, não há salvação - é o dogma do neoliberalismo. Ai de quem não acreditar e ousar pensar diferente! No mercado, ninguém tem valor por ser alguém. O valor é proporcional à posição no mercado. Quem vende ocupa maior hierarquia do que quem compra. E quem comanda o mercado controla os dois.

O mercado tem suas sofisticadas. Não fica bem dizer “tudo é uma questão de mercado”. Melhor o anglicismo marketing. É uma questão de marketing o tema da telenovela, o sorriso do apresentador de TV, o visual do candidato e até o anúncio do succulento produto que prepara o colesterol para as olimpíadas do infarto. Vende-se até a imagem primeiro-mundista de um país atulhado de indigentes perambulando pelos sertões à cata de terra para plantar.

Outrora, olhava-se pela janela para saber como andava o tempo. Hoje, liga-se o rádio e a TV para saber como se comporta o mercado. É ele que traz verão ou inverno às nossas vidas. Seus arautos merecem mais espaço que os meteorologistas. Dele dependem importações e exportações, inversões e fugas de capitais, contratos e fraudes.

É no mínimo preocupante constatar como, hoje, se enche a boca para falar de livre mercado e competitividade, e se esvazia o coração de solidariedade. Se continuar assim, só restarão os valores da bolsa. E em que mercado comprar nossas mais profundas aspirações: amor e comunhão, felicidade e paz?

O mercado desempenha, pois, função religiosa. Ergue-se como novo sujeito absoluto, legitimado por sua perversa lógica de expansão das mercadorias, concentração da riqueza e exclusão dos desfavorecidos. Já reparou como os comentaristas da TV se referem ao mercado? “Hoje o mercado reagiu às últimas declarações do líder da oposição”. Ou: “O mercado retraiu-se diante da greve dos trabalhadores”.

Parece que o mercado é um elegante e poderoso senhor que habita o alto de um castelo e, de lá, observa o que acontece aqui embaixo. Quando se irrita, pega o celular e liga para o Banco Central. Seu mau humor faz baixar os índices da Bolsa de Valores ou subir a cotação do dólar. Quando está de bom humor, faz subir os índices de valorização das aplicações financeiras.

BETTO, Frei. Estado de Minas, Belo Horizonte, 8 jun. 2006. Caderno Cultura, p. 10.

(Texto adaptado)

Assinale a alternativa em que, nos trechos transcritos, os dois termos destacados NÃO exercem a mesma função.

a) ... acaba se convencendo... (linha 3)

Quando se irrita... (linhas 61-62)

b) ... olhava-se pela janela... (linha 44)

Ergue-se como novo sujeito... (linhas 54-55)

c) Se chego de ônibus... (linha 10)

Se continuar assim... (linha 51)

d) Tudo se compra... (linha 30)

Vende-se até a imagem... (linha 42)

16) (Fatec-2007) Não importa se você acredita (I) que sucesso é resultado de sorte ou competência (II), por que te oferecemos os dois (III): o melhor servidor com uma imperdível condição de pagamento.

(Texto de anúncio publicitário)

Assinale a alternativa contendo análise correta de fatos de língua pertinentes a esse texto.

a) A oração (I) exerce a mesma função sintática que a oração (II) – ambas são complemento de verbos.

b) É coerente, no contexto, associar a idéia de sorte a – imperdível condição de pagamento – e a idéia de competência a – o melhor servidor.

c) A redação do texto obedece aos princípios da norma culta, apresentando clareza e correção gramatical.

d) O receptor do anúncio é tratado de maneira uniforme no texto, em 3ª pessoa.

e) A oração III tem equivalente sintático e de sentido em – portanto te oferecemos os dois.

17) (Mack-2004) O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje alguma coisa que às vezes lhe recordava o passado: essa alguma coisa era a Maria-Regalada que morava na prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz, como

vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto; daí é que vinha o apelido - regalada - que haviam ajuntado a seu nome. Isto de apelidos, era no tempo destas histórias uma cousa muito comum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse apêndice ao seu nome.

Obs.: de truz - de primeira ordem, magnífica

Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias

A frase que, no contexto, pode ser corretamente entendida como uma consequência é:

- essa alguma cousa era a Maria-Regalada.
- Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz.
- era de um gênio sobremaneira folgazão.
- fazia-o por muito tempo e com muito gosto.
- não estranhem pois os leitores.

18) (UEMG-2006) O MUNDO

Tornar a leitura e a escrita significativas para os jovens é um desafio para professores de português, que precisam romper as barreiras entre as salas de aula e a realidade
Quem nunca teve que ler uma bula de remédio? Onde encontrá-las, em caso de necessidade? (...) A maioria de nós encarou aquele texto em letras miúdas à procura de um esclarecimento sobre dose, efeitos colaterais, contra-indicações ou frequência com que o produto deve ser tomado.(...) Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável, os usuários faziam o possível para obter ao menos as informações mais importantes para não matar o paciente envenenado nem deixá-lo sem tratamento.

Há alguns meses, a agência nacional reguladora da saúde no Brasil, a Anvisa, mandou que as bulas fossem escritas para o público, e não mais para os especialistas. A idéia foi ótima e o usuário, especialmente aquele menos letrado, agradece muito que se mude o público-alvo do texto que ensina a usar os remédios.(...)

Ler a bula dos remédios é uma ação que, muito provavelmente, só acontece diante da necessidade. Se meu filho pequeno tem febre, corro para ler a bula e entender que dose de antitérmico devo administrar. Se eu tenho dor de cabeça, leio a bula do analgésico para saber como devo tomá-lo. E assim procedem outras pessoas em circunstâncias diversas. Sempre diante da necessidade e, claro, após a consulta ao médico.

Essa é a “leitura significativa” que funciona como acesso a um conhecimento, mesmo que ele seja tão circunstancial, e preparação para uma ação, mesmo que seja a de tomar um comprimido. Daí em diante, saberei o procedimento de ler bulas e talvez nem precise mais ler se me acontecer novamente a necessidade do mesmo remédio. Outras

leituras significativas são o rótulo de um produto que se vai comprar, os preços do bem de consumo, o tiquete do cinema, as placas do ponto de ônibus, o regulamento de um concurso, a notícia de um jornal.

Se estou precisando trocar de carro, leio os anúncios classificados; caso queira me divertir no cinema, recorro às sinopses e às resenhas para me ajudarem a escolher o filme, o cinema e as sessões. Caso eu me sinta meio sem perspectivas, posso recorrer aos regulamentos de concurso. Nesses casos, há quem prefira as páginas do horóscopo. Também posso ler para me informar, para aprender a usar uma ferramenta, ligar um aparelho eletrônico, aumentar meu conhecimento sobre algo menos tangível ou mesmo ler para escrever em reação a algo que foi lido. Em muitos casos, posso ler para aprender.

A leitura significativa acontece diariamente com as pessoas à medida que elas interagem com o mundo e com todas as peças escritas que nos circundam. E estamos tão acostumados a isso que esquecemos de que ler é hoje algo muito trivial, especialmente para as pessoas que moram nas cidades.

Já outros gêneros de texto não são assim tão fáceis de achar. Os poemas (infelizmente!) não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio. Talvez não fossem lá muito informativos e de grande ajuda para quem está com uma lancinante dor de cabeça. Os romances não cabem nos *outdoors* e os contos não costumam acompanhar os tíquetes-refeição. Embora todas essas coisas possam se cruzar em instâncias específicas, os gêneros de texto artísticos não são tão funcionais quanto os anteriormente citados, mas também têm seus “códigos” de leitura. São lidos em momentos específicos, por exemplo: quando alguém quer ter prazer, experiência estética, conhecimento, vocabulário, etc. Em alguns casos, é necessário ler para um concurso ou para se divertir. Esta também é a leitura significativa.

E o que é que a leitura se torna quando entra pelos portões da escola? O que acontece com a leitura significativa quando ela deixa de ser feita a partir de uma necessidade ou de uma motivação mais “real” e passa a ser feita como tarefa pontuada? Como compreender a leitura de uma bula de remédio sem precisar dela? (...) Como ter prazer em ler um poema perto da hora do recreio, quando se sente mais a necessidade de ler o quadro de salgadinhos (e seus preços) na cantina da escola?

A leitura ganha contornos de “cobaia de laboratório” quando sai de sua significação e cai no ambiente artificial e na situação inventada. No entanto, é extremamente difícil para o professor, especialmente o de português, tornar a sala de aula um ambiente confortável para a leitura significativa. Como trazer as necessidades e as motivações para dentro da sala de aula?

Quando o assunto é a escrita, a situação se agrava ainda mais. Quando é que sentimos necessidade de escrever? Que textos são necessários à nossa comunicação diária,

seja no trabalho ou entre amigos na Internet? Como agir por meio de textos em circunstâncias reais? E como trazer essas circunstâncias para a escola?

Já que o mundo inteiro não cabe numa sala, quem sabe se o professor de português saísse mais da sala de aula e levasse o aluno às situações em que ler e escrever se tornam muito tangíveis? E se a sala de aula de português não fosse tão inibitória ao encontro, à conversa e ao texto e se tornasse uma “sala ambiente”, à maneira dos professores de biologia?

Em lugar de cadeiras individuais de costas umas para as outras estariam as mesas redondas. No lugar do quadro, uma estante de livros de referência sobre língua e muitos outros assuntos. Ou talvez a biblioteca fosse muito adequada à conversão dos alunos-repetidores em alunos interventores.

Quem sabe se o professor de português fizesse a necessidade acontecer? Uma sessão de cinema de verdade pode ensinar resenhas de verdade. Um lugar onde publicar as resenhas (e aí é impossível não citar a Internet) pode transformar textos-obrigação em textos formadores de opinião, ao menos para uso daquela comunidade.

(...) ler e escrever são condutas da vida em sociedade. Não são ratinhos mortos de laboratório prontinhos para ser desmontados e montados, picadinhos e jogados fora.

Quem sabe o professor de português reconfigure a sala de aula e transforme a escola numa extensão sem muros e sem cercas elétricas do mundo de textos que a rodeia? (RIBEIRO, Ana Elisa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 set.2005.Caderno PENSAR - texto adaptado)

Observe, ainda, o seguinte trecho:

“Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...”

Assinale a alternativa em que a substituição do articulador em destaque se fez de maneira inadequada e prejudicial ao sentido da idéia objetivada.

- a) Apesar de a linguagem em que o texto da bula era escrito não ser lá muito amigável...
- b) Conquanto a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
- c) Ainda que a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
- d) Caso a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...

19) (PUC-SP-2005) Observe o enunciado a seguir:

Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e **provava no salão** que não é tão cândido assim, **pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra** e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.

As orações sublinhadas, em relação às anteriores, indicam, respectivamente, a idéia de

- a) adição e finalidade.
- b) meio e fim.

- c) alternância e oposição.
- d) adição e causa.
- e) explicação e conclusão.

20) (UFPA-1998) OS BACHARÉIS E A LÍNGUA NACIONAL

A Ordem dos Advogados do Brasil está alarmada com o índice de reprovação dos bacharéis, candidatos ao título de advogado. Como é sabido, desde 1970, criaram-se os exames da Ordem, sem cuja aprovação, nenhum bacharel em Direito obtém inscrição junto à OAB. Sem estar inscrito, não pode advogar, nem obter a carteira e o título de advogado.

Os exames se realizam em todo o Brasil, em diversas épocas do ano, junto às secções estaduais da Ordem e Subsecções respectivas, nas capitais e no interior. As matérias exigidas, em provas escritas, abrangem conteúdo do Direito Positivo - Civil, Penal, Trabalhista, Processual, etc..., - e Português. Seria de esperar que a maior porcentagem de reprovação fosse nas matérias jurídicas, propriamente ditas, que fazem parte dos currículos. Engano. A reprovação maior é motivada pela ignorância dos candidatos, bacharéis, em relação à língua nacional. Não sabem redigir, desconhecem os princípios elementares da gramática, lêem mal, interpretam pior, têm dificuldade intolerável em se exprimir, o que fazem como se fossem estrangeiros incultos, torturados pela necessidade de fazer uma redação simples. Nestas condições, 70% são reprovados, no país.

(Adelino Brandão. A Província do Pará, 16.11.97)

O trecho "Seria de esperar que a maior porcentagem de reprovação fosse nas matérias jurídicas, propriamente ditas, que fazem parte dos currículos. Engano.", pode ser convertido em um só período, sem prejuízo da coerência, se a parte em destaque for substituída por:

- a) ..., embora seja engano.
- b) ..., onde é engano.
- c) ..., mas é engano.
- d) ..., ou seja, é engano.
- e) ..., ainda que seja engano.

21) (UEL-2006) Recordações do Escrivão Isaías Caminha (1909), de Lima Barreto (1881-1922).

[...] Aquele começo de mês foi para mim de grande sossego e de muito egoísmo. Embora minha mãe tivesse afinal morrido havia alguns meses, eu não tinha sentido senão uma leve e ligeira dor. Depois de empregado no jornal, pouco lhe escrevi. Sabia-a muito doente, arrastando a vida com esforço. Não me preocupava... Os ditos do Floc, as pilhérias de Losque, as sentenças do sábio Oliveira, tinham feito chegar a mim uma espécie de vergonha pelo meu nascimento, e esse vexame me veio diminuir em muito a amizade e a ternura com que sempre envolvi a sua lembrança. Sentia-me separado dela.

Conquanto não concordasse ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lorpas,

entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne. Ainda não tinha coordenado todos os elementos que mais tarde vieram encher-me de profundo desgosto e a minha inteligência e a minha sensibilidade não tinham ainda organizado bem e disposto convenientemente o grande *stock* de observações e de emoções que eu vinha fazendo e sentindo dia a dia. Vinham uma a uma, invadindo-me a personalidade insidiosamente para saturar-me mais tarde até ao aborrecimento e ao desgosto de viver. Vivia, então, satisfeito, gozando a temperatura, com almoço e jantar, ignobilmente esquecido do que sonhara e desejara. Houve mesmo um dia em que quis avaliar ainda o que sabia. Tentei repetir a lista dos Césares - não sabia; quis resolver um problema de regra de três composta, não sabia; tentei escrever a fórmula da área da esfera, não sabia. E notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil-réis mensais. (BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989. p. 194-195.)

Sobre o período “Conquanto não concordasse ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lorpas, entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne”, considere as afirmativas a seguir.

- I. “Conquanto” e “entretanto” podem ser substituídos respectivamente por “como” e “portanto”, sem prejuízo do sentido original.
 - II. As duas ocorrências do pronome “seu” remetem a diferentes personagens.
 - III. O uso da primeira pessoa nos pronomes “eu”, “me” e “meus”, tão próximos entre si, acentua a autoria do julgamento citado.
 - IV. A segunda vírgula está sendo utilizada obedecendo ao mesmo critério da última.
- Estão corretas apenas as afirmativas:
- a) I e II.
 - b) I e IV.
 - c) II e III.
 - d) I, III e IV.
 - e) II, III e IV.

22) (Fuvest-2002) Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe¹ em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça,

quitandeira das praças de Lisboa, salaia² rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão³. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos. (Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*)

Glossário:

- 1 algibebe: mascate, vendedor ambulante.
- 2 salaia: aldeã das imediações de Lisboa.
- 3 maganão: brincalhão, jovial, divertido.

O trecho “fazendo-se-lhe justiça” mantém com o restante do período em que aparece uma relação de

- a) causa.
- b) consequência.
- c) tempo.
- d) contradição.
- e) condição.

23) (Mack-2005) Talvez o esquecimento seja o aspecto mais predominante da memória, mas conservamos e usamos o suficiente dela para ter uma vida satisfatória como pessoas. Lembramos onde fica nossa casa, nosso trabalho, o nome dos familiares e amigos. Podemos dizer que há algo de seletivo e proposital no nosso esquecimento. Nossa mente nos faz perder muitas coisas, entre elas, várias que nos são caras, mas conservamos aquelas com as quais vivemos e seguimos em frente.

Adaptado de Iván Izqui

Talvez o esquecimento seja o aspecto mais predominante da memória, mas conservamos e usamos o suficiente dela para ter uma vida satisfatória como pessoas. Assinale a alternativa que contém paráfrase apropriada do trecho acima.

- a) Se conservássemos e usássemos o suficiente da memória, talvez o esquecimento não predominasse em relação às nossas lembranças.
- b) O esquecimento talvez nos leve a aproveitar e conservar melhor a parte da memória que nos permite ter uma vida satisfatória enquanto pessoas humanas.

- c) Uma parte suficiente da memória é conservada e usada para levarmos uma vida satisfatória, apesar de o esquecimento provavelmente superar nossas lembranças.
- d) Conservamos e usamos a parte predominante da memória, embora o esquecimento talvez nos impeça de ter uma vida satisfatória.
- e) O esquecimento certamente é o fator predominante quando usamos a memória; porém, conseguimos nos lembrar daquilo que é importante para uma vida satisfatória.

24) (UFV-2005)



“Mas daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos.” Das alterações processadas abaixo, aquela em que NÃO ocorre substancial mudança de sentido é:

- a) Por isso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas inclusive ocupar cargos.
- b) Além disso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas sem ocupar cargos.
- c) Tanto que daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos.
- d) No entanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas além de ocupar cargos.
- e) Portanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas assim como ocupar cargos.

25) (UFC-2002) Sobre o trecho “As próprias plantas venenosas são úteis: a ciência faz do veneno mais violento um meio destruidor de moléstias, regenerador da saúde, conservador da vida.”, é correto afirmar que:

- I. o período é composto por duas orações.
 - II. há somente três palavras formadas por sufixação.
 - III. a acentuação gráfica das palavras grifadas se justifica pela mesma regra.
- a) apenas I é correta.
- b) apenas II é correta.
- c) apenas I e II são corretas.
- d) apenas I e III são corretas.
- e) apenas II e III são corretas.

26) (UFMG-1995)

MORDENDO A ISCA

Para Clarice Lispector, "escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu."

O que seria, então, essa não-palavra, se estamos mergulhados num mundo verbal e repleto de informações que nos atordoam a todo instante? Se tudo o que lemos e vemos já está devidamente fabricado, mastigado e até digerido, restando-nos apenas a contemplação passiva?

Essa não-palavra poderia ser aquela idéia, sensação ou opinião só nossa que ninguém jamais expressou, como: a vivência de uma paixão, o prazer de caminhar por uma praia deserta, o abrir da janela de manhã, a indignação diante dos horrores de uma guerra ou da corrupção desenfreada em nosso país ou mesmo nossos sonhos, desejos e utopias. Entrando em contato com essas emoções, podemos descobrir um lado oculto de nós mesmos ou até deixar aparecer um pouco de nosso caráter rebelde, herói, vítima, santo e louco. Estar aberto, com o olhar descondicionado para captar essa "não-palavra" é fundamental para que possamos escrever, não as famigeradas trinta linhas do vestibular mas um texto que revele nossa singularidade. Por isso, o ato de escrever requer coragem e, principalmente, uma mudança de atitude em relação ao mundo: precisamos nos tomar sujeitos do nosso discurso e pensar com nossa própria cabeça.

E como isso pode ser difícil! Quantas vezes queremos emitir nosso ponto de vista sobre um assunto e percebemos que nossa formação religiosa, familiar e escolar nos impede, deixando que o preconceito e a culpa falem mais alto! Quantas vezes o nó está preso na garganta e não podemos desatá-lo por força das circunstâncias! Ou, pior ainda, quantas vezes nos mostramos indiferentes diante das maiores atrocidades! A rotina diária deixa nossa visão de mundo bastante opaca. No dizer de Otto Lara Resende, o hábito "suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Só a criança e o poeta têm os olhos atentos para o espetáculo do mundo." No entanto, a superação dessas barreiras pode ser bastante prazerosa, já que o prazer não é uma dádiva e sim uma conquista. Conquista essa que podemos obter por meio da escrita, caminho eficaz para esse desvendamento de nós mesmos e do mundo.

Para escrever, portanto, não necessitamos de inspirações divinas ou de técnicas e receitas mas de um olhar curioso, esperto e liberto de preconceitos e de padrões preestabelecidos. Só assim morderemos a isca.

MOURA, Chico. Agenda do Professor. São Paulo: Ática, 1994.

IDENTIFIQUE a função sintática dos elementos destacados no seguinte período do texto:

PARA ESCREVER, portanto, não necessitamos de inspirações DIVINAS ou de técnicas e receitas, mas de um OLHAR curioso, esperto e liberto de PRECONCEITOS e de padrões preestabelecidos.

Para escrever:
divinas:
olhar:
preconceitos:

27) (Faap-1996)

OS DESASTRES DE SOFIA

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhava. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

- Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. (...)

(Clarice Lispector)

"Óculos sem aro ... ENCIMANDO o nariz grosso e romano." ENCIMANDO, no texto, é:

- colocado em cima
- escondendo parte de
- ocultando o todo
- ornamentando
- tirando o brilho

28) (Mack-2004) "De acordo com uma pesquisa de uma universidade inglesa, não importa em qual ordem as letras de uma palavra estão, a única coisa importante é que a primeira e a última letras estejam no lugar certo. O resto pode ser uma bagunça que você pode ainda ler sem problema. Isso é porque nós não lemos cada letra isolada, mas a palavra como um todo." Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: "O cérebro aplica um sistema de inferência nos processos de leitura. Esse sistema, chamado 'sistema de preenchimento', se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares", explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: "Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira", diz Damasceno.

Considere as seguintes afirmações sobre o segundo parágrafo.

- A conjunção "mas" permite pressupor que conhecimentos científicos, geralmente, não se manifestam em brincadeiras.
 - A negativa com que é iniciado tem a função de simular um diálogo com o leitor.
 - Os dois-pontos introduzem trecho que fundamenta a informação enunciada anteriormente.
- Assinale
- se todas as afirmativas estiverem corretas.
 - se todas as afirmativas estiverem incorretas.
 - se apenas I e II estiverem corretas.
 - se apenas I e III estiverem corretas.
 - se apenas II e III estiverem corretas.

29) (FGV-2004) 1.

Era no tempo que ainda os

portugueses não

2. haviam sido por uma tempestade empurrados para

3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava de belas aves e em derredor pescava-se excelente

4. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno

5. parecia

6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,

7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação

8. esta rude gruta, onde ainda então não se via

9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze

10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre e folgazona como uma cabritinha nova, começou

11. a

12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da rola; a causa disto estava no agradável parecer de

13. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia

14. feito

15. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes que lhe dardejara a moça. O nome dele era

16. Aoitin;

17. o nome dela era Ahy.

18. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava

19. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de

20. reconhecimento

21. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,

22. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso

23. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o

24. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido.

25. Mas

26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de

27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A

Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Observe:

“A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento obtinha...” (L. 19-20-21-22)

- a) Que diferenças podem ser apontadas entre a palavra ora, nesse trecho, e a palavra hora, que não está no texto?
- b) Cite outra passagem do texto em que se encontram palavras com o mesmo emprego e sentido semelhante ao de ora, nesse trecho.

30) (Unifesp-2003) A questão a seguir é relacionada a uma passagem bíblica e a um trecho da canção “Cálice”, realizada em 1973, por Chico Buarque (1944-) e Gilberto Gil (1942-).

Texto Bíblico

Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)
(in: Bíblia de Jerusalém. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

Trecho de Canção

Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga,
Tragar a dor, engolir a labuta,
Mesmo calada a boca, resta o peito,
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa,
Melhor seria ser filho da outra,
Outra realidade menos morta,
Tanta mentira, tanta força bruta.

.....
(in: www.uol.com.br/chicobuarque/)

A frase *Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!* contém dois conectivos adversativos. O conectivo *mas* estabelece coesão entre a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade. O conectivo *contudo* estabelece coesão entre

- a) a oração implícita [se não queres] e a oração não [seja feita] a minha vontade.
- b) a oração se queres e a oração não [seja feita] a minha vontade.
- c) a oração afasta de mim este cálice! e a oração a tua [vontade] seja feita.
- d) a oração implícita [se não queres] e a oração a tua [vontade] seja feita.
- e) a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade.

31) (Unifesp-2003) A questão seguinte baseia-se no poema “Pneumotórax”, do modernista Manuel Bandeira (1886-1968).

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.

.....

....

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Em uma de suas ocorrências, no poema *Pneumotórax*, a conjunção e poderia ser substituída por *mas*, sem prejuízo semântico. Essa possibilidade verifica-se em

- a) dispnéia, e suores noturnos
b) trinta e três... trinta e três
c) Diga trinta e três
d) pulmão esquerdo e o pulmão direito
e) ter sido e que não foi

32) (FGV-2006) Amor de Salvação

Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira

dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz (*sic*), todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida. Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Ferverça.

Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:

“Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.

Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiserção e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.”

Na mesma passagem, “Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.” (L. 12-13), a oração em destaque tem valor:

- A) Comparativo.
- B) Causal.
- C) Temporal.
- D) Concessivo.
- E) Consecutivo.

33) (Mack-2004) Assim, por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar às minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio (...). Pensei nisso três dias, e esbarrava sempre na consideração de que a recusa podia fazer desconfiar alguma cousa. No fim dos três dias, assentei num meio-termo; receberia a herança e dá-la-ia toda, aos bocados e às escondidas. (...) era também o modo de resgatar o crime por um ato de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas. (...) Entrando na posse da herança, converti-a em títulos e dinheiro. Eram então passados muitos meses, e a idéia de distribuí-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação.

Machado de Assis

I - Cogitei em recusar a herança.

II - Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio.

Com relação aos segmentos acima, é correto afirmar que

- a) I é conseqüência de II.
- b) II expressa restrição ao que se afirma em I.
- c) I e II se excluem mutuamente.
- d) I expressa uma hipótese e II, sua conseqüência.
- e) I expressa um fato e II, sua conclusão.

34) (Mack-2005) Assinale a alternativa correta sobre o fragmento de **Memórias póstumas de Brás Cubas** citado.

A valsa é uma deliciosa cousa. Valsamos; não nego que, ao aconchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma singular sensação, uma sensação de homem roubado. (...)

Cerca de três semanas depois recebi um convite dele [*Lobo Neves, marido de Virgília*] para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: - O senhor hoje há de valsar comigo. Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse.

Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. Creio que nessa noite apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam ... Um delírio.

Machado de Assis

Obs.:o amor luxurioso entre Francesca da Rimini e Paolo Malatesta obriga Dante Alighieri a colocá-los no Inferno, em sua **Divina Comédia**. O livro que os perdeu é a narrativa do amor adúltero de Lancelote do Lago e Ginebra, mulher do Rei Artur - uma novela de cavalaria pertencente ao ciclo bretão.

a) Pelo trecho destacado em eu tinha fama e era valsista emérito, subentende-se que o narrador acredita que nem sempre a reputação de uma pessoa é merecida.

- b) O narrador cita uma singular sensação, mas contraria o que diz ao caracterizar de maneira banal essa sensação “incomum”: uma sensação **de homem roubado**.
- c) O emprego da dupla negação (não nego) revela que o narrador não quer admitir que a valsa lhe dava prazer.
- d) A frase não admira que ela me preferisse expressa a causa do fato anteriormente mencionado.
- e) A frase como esquecida equivale a “porque estava esquecida”.

35) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa **incorreta** com relação a este fragmento da letra da música Verdade chinesa - texto de Carlos Colla e Gilson.

- “Senta, se acomoda, à vontade, tá em casa
Toma um copo, dá um tempo, que a tristeza vai passar
Deixa, pra amanhã tem muito tempo
O que vale é o sentimento
E o amor que a gente tem no coração”.
- (<http://emilio-santiago.letas.terra.com.br/letas/45703>)
- a) Os dois primeiros versos são compostos exclusivamente por orações coordenadas assindéticas.
- b) A palavra “que” aparece três vezes no texto. No segundo verso é uma conjunção coordenativa; já no quinto verso é um pronome relativo.
- c) A primeira oração do segundo verso consiste numa metonímia.
- d) Aparecendo duas vezes no texto, a palavra “tempo” tem a função de objeto direto.
- e) Os verbos sentar, tomar, dar e deixar aparecem flexionados na segunda pessoa do singular, no modo imperativo afirmativo e configuram, deste modo, o uso da função apelativa da linguagem.

36) (Fuvest-2001) Considerando-se a relação lógica existente entre os dois segmentos dos provérbios adiante citados, o espaço pontilhado **NÃO** poderá ser corretamente preenchido pela conjunção **mas**, apenas em:

- a) Morre o homem, (...) fica a fama.
- b) Reino com novo rei (...) povo com nova lei.
- c) Por fora bela viola, (...) por dentro pão bolorento.
- d) Amigos, amigos! (...) negócios à parte.
- e) A palavra é de prata, (...) o silêncio é de ouro.

37) (PUC-SP-2005) É CARNAVAL

E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa. Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: “Brincar o

Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível.”

O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice.

E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.

(PRETA, Stanislaw Ponte.FEBEAPÁ 2 - 2ª- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

Observe o enunciado a seguir:

Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.

As orações sublinhadas, em relação às anteriores, indicam, respectivamente, a idéia de

- a) adição e finalidade.
- b) meio e fim.
- c) alternância e oposição.
- d) adição e causa.
- e) explicação e conclusão.

38) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro moreno como vocês.

Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a alternativa que apresenta conjunção com sentido equivalente ao de Mas (sexto verso).

- a) Anda que anda até que desanda.
- b) Não só venceu mas também convenceu.
- c) Mas que beleza, Dona Creuza!
- d) Atirou-se do vigésimo sétimo andar e não se feriu.
- e) Há sempre um “mas” em nossos discursos.

39) (ITA-2003) Há algum tempo, apareceu na imprensa a notícia de uma controvérsia sobre a Lei de Aposentadoria, envolvendo duas teses que podem ser expressas nas sentenças abaixo:

I. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos e 30 anos de contribuição para o INSS.

II. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos ou 30 anos de contribuição para o INSS.

Aponte a alternativa que apresenta a interpretação que **NÃO** pode ser feita a partir dessas sentenças:

- a) de acordo com (I), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
- b) de acordo com (II), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
- c) de acordo com (II), uma pessoa que tenha 65 anos de idade e 5 anos de contribuição para o INSS poderá se aposentar.
- d) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha 65 anos de idade, pelo menos.
- e) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha contribuído para o INSS por, pelo menos, 30 anos.

40) (Mack-2001) I

A lição é que não peçais nunca dinheiro grosso aos deuses, senão com a cláusula expressa de saber que é dinheiro grosso. Sem ela, os bens são menos que as flores de um dia. Tudo vale pela consciência. (...) Passai das riquezas materiais às intelectuais: é a mesma cousa. Se o mestre-escola da tua rua imaginar que não sabe vernáculo nem latim, em vão lhe provarás que ele escreve como Vieira ou Cícero, ele perderá as noites e os sonos em cima dos livros, comerá as unhas em vez de pão, encanecerá ou enalvecerá, e morrerá crendo que mal distingue o verbo do advérbio.

Machado de Assis

II

Poucos dias depois morreu... Não morreu súbito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça,- uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

- Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

Machado de Assis

Em I, entre *Cícero* e *ele*, pode-se incluir, sem alterar o sentido original do período,

- a) no entanto.
- b) pois.
- c) ou.
- d) onde.
- e) assim.

41) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

Observe o seguinte trecho, extraído do texto:

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes...

Justifique o uso de **mas**, nesse caso.

42) (PUC - PR-2007) Leia o trecho atentamente:

“Em geral as pessoas pensam no letramento digital como conhecimento “técnico”, relacionado ao uso de teclados, interfaces gráficas e programas de computador. **Porém**, o letramento digital é mais abrangente do que isso”.

Em qual das alternativas o elemento lingüístico destacado tem o mesmo sentido ao atribuído no fragmento acima?

A) Há estudiosos que preferem o conceito de letramento eletrônico - e não o de alfabetização eletrônica - por entender que não se trata apenas de ensinar a pessoa a codificar e decodificar a escrita, **mas** de inserir-se em práticas sociais nas quais a escrita tem um papel significativo.

B) O professor deve considerar que a nova geração, nascida na era do computador, exige que ele seja letrado digitalmente. **Portanto**, cabe ao professor investir nesse aprendizado.

C) Na pesquisa, os alunos mostraram que estão conscientes de que devem usar termos mais formais em certos contextos, **pois** cada processo de interlocução tem suas próprias exigências.

D) O problema é que há pessoas que fazem tudo para a gente lá na escola. **Com isso**, a gente nunca tem a chance de enfrentar os desafios que o computador oferece.

E) É importante mostrar para o professor que a aprendizagem digital se dará mais facilmente se ele interagir com pessoas que sejam fluentes no uso da máquina **e** não só com a máquina.

43) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - “Tudo anda tão confuso!”. E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - “Às vezes”.

Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.

Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.
Crônica de Nelson Rodrigues

Assinale a alternativa correta sobre o último parágrafo do texto.

- a) Se o texto se referisse a homem bonito estaria correta a expressão como o grão-fino.
- b) O uso de também indica que o cronista considera justa a pergunta do diplomata português.
- c) Está subentendido o segmento destacado em: como a grã-fina **poderia ser bonita**.
- d) Portanto introduz uma explicação relativa ao que se afirma na oração anterior.
- e) Em seu cabimento, o pronome expressa posse relativa ao diplomata português.

44) (UERJ-2003) O DEFEITO

Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. *O que não é problemático não é pensado*. Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entre lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra. Você não sabe que tem olhos - o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que "pensamento é doença dos olhos". É verdade, mas nem toda. O mais certo seria "pensamento é doença do corpo".

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? (...) Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno."

(ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Brasiliense, 1995.)

As frases que formam um texto mantêm entre si relações semânticas que podem ser expressas por elementos lingüísticos coesivos - conectivos - ou não.

Observe estas frases do texto:

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência .

Considerando o contexto no qual estão inseridas e a ordem em que se apresentam, identifique o tipo de relação estabelecida pelas frases entre si e cite duas conjunções que poderiam ser usadas para marcar essa relação.

45) (UFRJ-2008) O ex-cineclubista

(João Gilberto Noll)

Aquele homem meio estrábico, ostentando um mau humor maior do que realmente poderia dedicar a quem lhe cruzasse o caminho e que agora entrava no cinema, numa segunda-feira à tarde, para assistir a um filme nem tão esperado, a não ser entre pingados amantes de cinematografias de cantões os mais exóticos, aquele homem, sim, sentou-se na sala de espera e chorou, simplesmente isso: chorou. Vieram lhe trazer um copo d'água logo afastado, alguém sentou-se ao lado e lhe perguntou se não passava bem, mas ele nada disse, rosou, passou as narinas pela manga, levantou-se num ímpeto e assistiu ao melhor filme em muitos meses, só isso. Ao sair do cinema, chovia. Ficou sob a marquise, à espera da estiagem. Tão absorto no filme que se esqueceu de si. E não soube mais voltar.

O texto VI procura reproduzir na escrita uma característica da linguagem cinematográfica: "o filme, sob o ponto de vista formal, pode ser considerado como uma seqüência de espaços e tempos concretamente apresentados pela imagem." (Enciclopédia Mirador-Internacional, s.v. cinema – 13.1.1).

Justifique a afirmativa, tomando por base a organização do plano sintático do texto.

46) (ENEM-2001) O mundo é grande

O mundo é grande e cabe

Nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe

Na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe

No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões lingüísticas, como o uso da mesma conjunção para

estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as idéias relacionadas, um sentido de

- a) oposição.
- b) comparação.
- c) conclusão.
- d) alternância.
- e) finalidade.

47) (UFV-2005) O tabaco consome dinheiro público.

Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros. É um passo importante para criar uma sociedade mais justa. (Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil um país de todos. Governo Federal, 2004.)

“A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde [...]” O termo “além de”, neste fragmento, estabelece relação lógico-semântica de:

- a) condição.
- b) concessão.
- c) adição.
- d) conformidade.
- e) consecução.

48) (UFSCar-2001) Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguímo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: Hic jacet¹. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé-de-vento, levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. **Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mete, sem aquietar nem sossegar um momento, enquanto o vento dura.** Acalmou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali

fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é.

(VIEIRA, Antônio. *Trecho do Cap. V do Sermão da Quarta-Feira de Cinza*. Apud: *Sermões de Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Núcleo, 1994, p. 123-4.)

1 - Hic jacet: aqui jaz.

Segundo o **Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**, “sermão” é um “discurso religioso geralmente pregado no púlpito”.

- a) De que forma o autor reproduz, no texto escrito, características próprias do discurso falado?
- b) O texto apresenta uma relação de oposição entre estaticidade e movimento. Indique, no trecho destacado em negrito, qual dessas idéias é abordada e a forma de construção de período utilizada para exprimi-la.

49) (VUNESP-2007) Os Tratados com a Bolívia

A Bolívia é uma espécie de Estado de Minas da América do Sul; não tem comunicação com o mar. Quando a Standard Oil abriu lá os poços de petróleo de Santa Cruz de la Sierra, na direção de Corumbá de Mato Grosso, a desvantagem da situação interna da Bolívia tornou-se patente. Estava com petróleo, muito petróleo, mas não tinha porto por onde exportá-lo. Ocorreu então um fato que parece coisa de romance policial.

Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco. O boliviano desconfiou. “Aqueles poços não cessam de jorrar e o petróleo que paga taxa é tão escasso... Neste pau tem mel.”

E tinha. A espionagem boliviana acabou descobrindo o truque: havia um oleoduto secreto que subterraneamente passava por baixo das fronteiras e ia emergir na Argentina. A maior parte do petróleo boliviano escapava à taxa do governo e entrava livre no país vizinho. Um negócio maravilhoso.

Ao descobrir a marosca, a Bolívia fez um barulho infernal e cassou todas as concessões de petróleo dadas à Standard Oil. Vitórias momentâneas sobre a Standard quantas a história não registra! Vitórias momentâneas. Meses depois um coronel ou general encabeça um pronunciamento político, derruba o governo e toma o poder. O primeiro ato do novo governo está claro que foi restaurar as concessões da Standard Oil cassadas pelo governo caído...

Mas como resolver o problema da saída daquele petróleo fechado? De todas as soluções estudadas a melhor consistia no seguinte: forçar o Brasil por meio dum tratado a ser o comprador do petróleo boliviano; esse petróleo iria de Santa Cruz a Corumbá por uma estrada de ferro a construir-se e de Corumbá seguiria pela Estrada de Ferro Noroeste. Isto, provisoriamente. Mais tarde se construiria um oleoduto de La Sierra a Santos, Paranaguá ou outro porto brasileiro do Atlântico. Desse modo o petróleo

boliviano abastecer as necessidades do Brasil e também seria exportado por um porto do Brasil.

Ótima a combinação, mas para que não viesse a falhar era indispensável que o Brasil não tirasse petróleo. Eis o segredo de tudo. A hostilidade oficial contra o petróleo brasileiro vem de grande número de elementos oficiais fazerem parte do grande grupo americano, boliviano e brasileiro que propugna essa solução — maravilhosa para a Bolívia, desastrosíssima para nós.

Os tratados que sobre a matéria o Brasil assinou com a Bolívia não foram comentados pelos jornais dos tempos; era assunto petróleo e a Censura não admitia nenhuma referência a petróleo nos jornais. A 25 de janeiro de 1938 foi assinado o tratado entre o Brasil e a Bolívia no qual se estabelecia o orçamento para a realização de estudos e trabalhos de petróleo no total de 1.500.000 dólares, dos quais o Brasil entrava com a metade, 750 mil dólares, hoje 15 milhões de cruzeiros. O Brasil entrava com esse dinheiro para estudos de petróleo na Bolívia, o mesmo Brasil

oficial que levou sete anos para fornecer a Oscar Cordeiro uma sondinha de 500 metros...

Um mês depois, a 25 de fevereiro de 1938, novo tratado entre os dois países, com estipulações para a construção duma estrada de ferro Corumbá a Santa Cruz de la Sierra; a benefício dessas obras em território boliviano o Brasil entrava com um milhão de libras ouro...

O representante do Brasil para a formulação e execução dos dois tratados tem sido o Sr. Fleury da Rocha.

Chega. Não quero nunca mais tocar neste assunto do petróleo. Amargou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia — mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão Governo Brasileiro... (José Bento Monteiro Lobato. Obras completas — volume 7. São Paulo:

Editora Brasiliense, 1951, p.225-227.)

No primeiro período do segundo parágrafo de Os Tratados com a Bolívia, ocorre a ausência da vírgula entre uma oração coordenada sindética adversativa e a anterior, o que contraria o uso comum. Releia o período com atenção e reescreva-o, colocando a vírgula onde seria empregada normalmente.

50) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem

do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma consequência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública. Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por consequência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal "discriminação positiva". Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo. (Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Sobre o termo *pois* (*Assisto **pois** com fastio e espanto às...*), podemos dizer que tem a função de

- I - marcar uma relação textual-discursiva
 - II - concluir o que é enunciado no primeiro parágrafo
 - III - constituir um elo de coordenação entre orações
- É correto o que se afirma
- a) em I e II
 - b) em I e III
 - c) apenas em III
 - d) em I, II e III



51) (FVG - SP-2007)

Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)

Cecília Meireles

Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado *Destino*, uma espécie de profissão de fé da autora.

O conjunto das duas orações coordenadas que compõem o segundo verso da segunda estrofe – *que olhais para o sol e encontrais direção* – tem sentido

- explicativo.
- comparativo.
- condicional.
- concessivo.
- temporal.

52) (FGV-2005) Que trecho do texto é retomado pela palavra **mas**, na linha 18?

- HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
- Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
- Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
- volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
- Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
- cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
- descalços entra na Panificadora.
- Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
- sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
- Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
- esperando. Mas esperando quê?
- Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
- zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
- fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
- doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
- lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
- costume.
- Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
- Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
- Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os

21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremeecer.

22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...

23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A

24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e

25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,

26. bolinhos e pão.

27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e

28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.

29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. “A

30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão.” O quarto de Vasco fica no sótão...

31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!

32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e

33. descobrisse o grande mistério?

34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.

35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas

36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,

37. alguém me vê, pergunta: “Aonde vais, Clarissa?” Ora, vou até o quartinho das malas.

38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

53) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócô-có malicioso. O ingrato.

(*João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.*)

No último parágrafo do texto, há uma frase aparentemente solta: *E milho*. Explique seu sentido, no contexto.

54) (Mack-2002) Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde.

O que estou é velho. (...) cinqüenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.

Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! (...) Comer e dormir como um porco! (...) E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! (...)

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos ... Para que enganar-me?

Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu.

Graciliano Ramos - S. Bernardo

“O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa.”

A conjunção **e** do período acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

- a) mas.
- b) portanto.

- c) pois.
- d) por que
- e) no entanto.

55) (Mack-2002) Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.
Camões

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

- a) A dúvida sugerida no primeiro verso é sobre o mundo exterior.
- b) As orações coordenadas (verso 3) desenvolvem o sentido sugerido pelo adjetivo incerto.
- c) *Juntamente* introduz ações que alternativamente se excluem.
- d) *Abarcar* é antônimo de *conter* e *encerrar*.
- e) *O mundo todo* representa aquilo de que o poeta quer se afastar.

56) (UFPB-2006) TEXTO I

Amor

AS CORTINAS DA JANELA cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.

Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura e virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.

Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requemava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão. Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era precisa uma dessas situações à face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.

O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo o caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda a prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplício.

Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.

Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por quê, e fugirem desejando encontrar-se, era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.

Nessa noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar malgrado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda. Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.

Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinhasse no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.

Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

(ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, 1999, p. 78-79)

GLOSSÁRIO

isentar: livrar, dispensar, desobrigar.

extração: nascimento, origem.

párias: homens excluídos da sociedade.

balbuciar: articular imperfeitamente e com hesitação.

Leia o fragmento:

“... amava Cecília não **para** sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas **para** dedicar-se inteiramente a ela, **para** cumprir o menor dos seus desejos, **para** evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.” (linhas 26-28)

Considerando as orações introduzidas pela preposição **para**, pode-se afirmar que essas orações

- I. são todas reduzidas de infinitivo.
- II. expressam idéia de finalidade.
- III. estão interligadas por meio de um processo de coordenação.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I
- b) apenas I e II

- c) apenas II e III
- d) apenas I e III
- e) I, II e III

57) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Em “Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.”, a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

- a) mas sim.
- b) de outro modo.
- c) exceto.
- d) portanto.
- e) ou.

58) (PUC-RS-2001) Para responder à questão, relacione as colunas, de modo que as expressões da direita completem adequadamente as frases da esquerda.

() A descoberta _____ se referia o cientista era surpreendente	1. onde
() Estes são dados sigilosos, _____ divulgação é reservada.	2. que
() Áreas _____ há maior pobreza merecem toda atenção dos estudiosos.	3. a que
() A pesquisa, _____ não faltam recursos financeiros, está parada por razões políticas.	4. por que
() A penúria _____ passa grande parte da humanidade exige uma ciência ética.	5. cuja
	6. à qual
	7. aonde
	8. pela qual

Relacionando as duas colunas, a seqüência correta, de cima para baixo, é

- a) 1 - 4 - 7 - 6 - 2

- b) 2 - 1 - 7 - 1 - 4
- c) 3 - 5 - 1 - 6 - 4
- d) 5 - 6 - 1 - 3 - 3
- e) 6 - 5 - 7 - 2 - 8

59) (UEPB-2006) “Será através da educação que faremos a revolução no campo. Para tanto é necessário capital. **Como** Zé Américo podemos dizer:

“eu sei onde está o dinheiro”. O dinheiro existe, mas o que não pode continuar é essa roubalheira escancarada...” (Correio da Paraíba, 24/05/05)

Assinale, entre as propostas abaixo, aquela em que a expressão **COMO** tem a mesma classificação daquele em destaque no trecho citado, mantendo um sentido aproximado.

a) “O resto é calúnia, eles são dois velinhos que dividem uma linda história de amor, tratam-se de senhor e senhora, como se fazia antigamente, e sempre viveram juntos, embora em domicílios separados”, diz a advogada dele, Paule Le Bail.

(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)

b) (...) os consumidores mais endinheirados trocam de celular todo ano, em busca de funções mais avançadas, como telas com mais cores e câmaras com resolução superior.

(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)

c) Como escolher um plano familiar (...) O primeiro passo ao escolher um plano de descontos em ligações no celular é levantar quanto cada pessoa da família usa o telefone.

(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)

d) O Banco Central estuda como tornar os caixas eletrônicos compatíveis entre si.

(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)

e) Como todo sucesso tem seu preço, Gislaire convive com ameaças de morte ... e anda escoltada por seguranças.

(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)

60) (UEPB-2006) “Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas.”

(João Ubaldo Ribeiro, Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)

Assinale, entre as afirmações relativas a esse excerto, a única correta:

a) Há uma impropriedade sintática, pois o verbo OUVIR foi construído com complemento preposicionado.

b) VÍVERES é uma palavra substantivada, derivada do infinitivo flexionado.

c) Depreende-se que as empregadas domésticas dizem que os responsáveis pela merenda escolar são socialistas.

d) Pode-se concluir que o comunismo no Rio de Janeiro é responsável pela merenda escolar.

e) Os QUÊS têm a mesma função, sem referência e sem significado.

61) (UFSC-2007)

TEXTO 3

- 1 “Quando a noite está escura, e cai o vento noroeste, vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar, vindos da *Ilha do Mel* à *Ponta Grossa*, e irem costeando até a *Ponta da Pedreira*. Dali se
- 5 transformam em duas pombas brancas, e voam pelo mesmo caminho que vieram; porém então são perseguidas por três corvos que procuram agarrá-las com seus bicos hediondos, grasnando horrivelmente: chegando bem no meio do mar, os corvos se transformam em Meninos queimados, e lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços, iluminando todo o mar com o clarão de suas caudas inflamadas.”

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. 4. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p. 126.

Considerando ainda o TEXTO 3, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. De acordo com a norma culta, na frase “vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar [...]” (linhas 1-2) há problema de concordância verbal, uma vez que o verbo “vê” deveria estar no plural, por ter como sujeito “dois vultos brancos como a neve”.

02. Em “... três corvos que procuram agarrá-las...” (linhas 4-5), o pronome oblíquo faz referência à palavra “crianças” (linha 7).

04. Em “Dali se transformam em duas pombas brancas” (linha 3), houve elipse do sujeito que pode ser resgatado no período anterior.

08. De acordo com as informações do Texto 3, é possível avistar os “vultos brancos como a neve atravessarem o mar” (linhas 1-2) sob duas condições: que a noite esteja escura e sem vento noroeste.

16. Em “... lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços” (linhas 6-7) temos, na segunda oração, uma relação de consequência.

32. Os vocábulos *está*, *vê-(se)*, *porém*, *três*, *agarrá-(las)*, sublinhados no Texto 3, recebem acento gráfico pela mesma regra, ou seja, por serem todos oxítonos, condição suficiente para que os vocábulos sejam acentuados.

62) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos. Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes. "Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação. O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo. Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante. O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado". Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao trecho "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações", é possível afirmar que a conjunção COMO estabelece o sentido de

- causa.
- comparação.
- conseqüência.
- concessão.
- conformidade.

63) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...] De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...]. O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...] A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias. Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...] (Folha de São Paulo, 19/03/2006)

No trecho: "...Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas...", o conector em negrito só não possui o mesmo valor semântico de:

- porque.

- b) conquanto.
- c) visto que.
- d) uma vez que.
- e) como.

64) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha



(Estúdio Maurício de Sousa. *Bihu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha



(Estúdio Maurício de Sousa. *Bihu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio

(...)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;

Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, *Primeiros Cantos*)

- Nas falas “Minha terra tem Corinthians, onde canta o sabiá!” e “cada um tem o time que quiser!...”, da segunda tirinha, os vocábulos em destaques estabelecem, respectivamente, as relações sintático-semânticas de
- a) conector de oração adjetiva em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a o time.
 - b) conector de oração adverbial em relação a terra e conector de oração adjetiva em relação a time.
 - c) conector de oração adjetiva em relação a Corinthians e conector de oração adjetiva em relação a cada um.
 - d) conector de oração adverbial em relação a Corinthians e conector de oração adverbial em relação a um.
 - e) conector de oração adverbial de lugar em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a cada um.

65) (UFMG-1999) A REVOLUÇÃO DIGITAL

Texto e papel. Parceiros de uma história de êxitos. Pareciam feitos um para o outro.

Disse "pareciam", assim, com o verbo no passado, e já me explico: estão em processo de separação.

Secular, a união não ruiu do dia para a noite. Mas o divórcio virá, certo como o pôr-do-sol a cada fim de tarde.

O texto mantinha com o papel uma relação de dependência. A perpetuação da escrita parecia condicionada à produção de celulose.

Súbito, a palavra descobriu um novo meio de propagação: o cristal líquido. Saem as árvores. Entram as nuvens de elétrons.

A mudança conduz a veredas ainda inexploradas. De concreto há apenas a impressão de que, longe de enfraquecer, a ebulição digital tonifica a escrita.

E isso é bom. Quando nos chega por um ouvido, a palavra costuma sair por outro. Vazando-nos pelos olhos, o texto inunda de imagens a alma.

Em outras palavras: falada, a palavra perde-se nos desvãos da memória; impressa, desperta o cérebro, produzindo uma circulação de idéias que gera novos textos.

A Internet é, por assim dizer, um livro interativo. Plugados à rede, somos, autores e leitores. Podemos visitar as páginas de um clássico da literatura. Ou simplesmente arriscar textos próprios.

Otto Lara Resende costumava dizer que as pessoas haviam perdido o gosto pela troca de correspondências. Antes de morrer, brindou-me com dois telefonemas. Em um deles prometeu: "Mando-te uma carta qualquer dia desses".

Não sei se teve tempo de render-se ao computador. Creio que não. Mas, vivo, Otto estaria

surpreso com a popularização crescente do correio eletrônico.

O papel começa a experimentar o mesmo martírio imposto à pedra quando da descoberta do papiro. A era digital está revolucionando o uso do texto. Estamos virando uma página. Ou, por outra, estamos pressionando a tecla "enter".

SOUZA, Josias de. A revolução digital. Folha de São Paulo, São Paulo, 6 de maio de 1996. Caderno Brasil, p. 2.

Observe as expressões destacadas nestas frases:

... falada, a palavra perde-se nos desvãos da memória;

impressa, desperta o cérebro

.... vivo, Otto estaria surpreso com a popularização crescente do correio eletrônico.

Assinale a alternativa que apresenta uma interpretação CORRETA dessas três expressões, na ordem em que aparecem nas frases acima.

- a) apesar de ser falada / apesar de ser impressa / se estivesse vivo
- b) quando é falada / quando é impressa / se estivesse vivo
- c) porque é falada / porque é impressa / ainda que estivesse vivo
- d) se é falada / se é impressa / ainda que estivesse vivo

66) (PUC-SP-2001) APELO

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa da esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite pela primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das primeiras brigas por causa do tempero na salada - o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

Dalton Trevisan In BOSI, A. (org.) *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo, Cultrix, 1997, p. 190.

Sobre a subordinação, lembre: é a construção sintática em que uma oração determinante, e pois subordinada, se articula com outra, determinada por ela e principal em relação a ela. (Mattoso Câmara Jr - Dicionário de Filologia e

Gramática, Rio de Janeiro, J. Ozon, 1971, p. 362). Em seguida, assinale a alternativa correta

- a) Em "Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos." - estabelece-se uma relação de meio e fim.
- b) Em "Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa." - a subordinação se dá entre o verbo faz e seu complemento verbal que a Senhora está longe de casa.
- c) Em "Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só,..." - a relação de subordinação expressa a idéia de adição consecutiva.
- d) Em "Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando." - a subordinação se dá entre o verbo sabe e seu sujeito representado pela oração reduzida de infinitivo conversar com os outros.
- e) Em "E comecei a sentir falta das primeiras brigas por causa do tempero na salada - o meu jeito de querer bem." - estabelece-se uma relação de condição-condicionado.

67) (UEL-2006) As questões de 01 a 04 referem-se ao Canto V de *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões (1524/5?-1580).

XXXVII

Porém já cinco sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando ua noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Ua nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

XXXVIII

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo
- "Ó Potestade - disse - sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?"

(CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. 4ª. ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, s.d. p. 332.)

Com base no segundo verso da estrofe XXXVIII, considere as afirmativas a seguir.

- I. O "que" substitui "nuvem", termo presente no penúltimo verso da estrofe anterior.
 - II. O "que" é um conectivo com valor de consequência das situações apresentadas no verso anterior.
 - III. A expressão "um grande medo" é complemento da forma verbal "pôs".
 - IV. O agente da forma verbal "pôs" é "nuvem", termo omitido neste verso.
- Estão corretas apenas as afirmativas:
a) I e II.

- b) I e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) II, III e IV.

68) (UDESC-1996) Indique a alternativa INCORRETA quanto à função sintática da palavra QUE ou SE em frases do texto, escritas em maiúsculas,

- a) "Ser rico - quer dizer ter em mãos as possibilidades de poder e os privilégios QUE o dinheiro dá..." - objeto direto;
- b) "Pois QUE ele só nos vale até certo ponto..." - conjunção subordinativa condicional;
- c) "E entretanto é bom notar QUE isso tem um limite bastante rígido." - conjunção subordinativa integrante;
- d) "...porque a natureza não SE vende." - pronome apassivador;
- e) "...inveja o simples abastado QUE pode satisfazer as suas necessidades..." - sujeito.

69) (PUC-SP-1995) Leia o período:

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu."

Considerando a possibilidade de várias organizações sintáticas para os períodos compostos, assinale a alternativa em que **não** há alteração de sentido em relação ao período indicado:

- a) Meu pai disse-me, à porta do Ateneu, que lá eu encontraria o mundo.
- b) À porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu teria de encontrar o mundo.
- c) Disse-me meu pai, à porta do Ateneu, que somente lá eu encontraria o mundo.
- d) Quando chegamos à porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu precisaria encontrar o mundo.
- e) Ao chegarmos à porta do Ateneu, meu pai orientou-me para que lá eu encontrasse o mundo.

70) (FVG - SP-2007) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

- (1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
- (2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
- (3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
- (4) A nós, que não sabemos dar por elas. .
- (5) Mas que melhor metafísica que a delas.
- (6) Que é a de não saber por que vivem
- (7) Nem que o não sabem?

Alberco Caeiro

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

- a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
- b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
- c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.

- d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
- e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

71) (Fatec-2007) LIBRA (23 set. a 22 out.)

Com a Lua transitando em Gêmeos, os librianos podem esperar mais clareza mental, acuidade, boa expressão e facilidade ambiente, porque o mundo irá girar num ritmo consoante com seu jeito de ser. Justamente porque tudo flui melhor você não precisa reagir com extremos. Segure essa paciência.

(Folha de S.Paulo, 13-09-2006)

Considere as seguintes afirmações relacionadas a esse texto.

- I. Na frase - *segure essa paciência* - poderia ser empregado também o pronome *esta*, pois se trata de referência à pessoa a quem se dirige a sugestão contida no texto.
- II. O texto mantém-se de acordo com a norma culta caso se empregue - *contém essa paciência* - em lugar de - *segure essa paciência*.
- III. Pode-se interpretar como de causa a circunstância expressa por - *Com a Lua transitando em Gêmeos*.
- IV. As palavras "acuidade" e "consoante" podem ser substituídas, no contexto, correta e respectivamente, por "agudeza" e "em harmonia".
- V. A relação sintática e de sentido expressa em - *porque tudo flui melhor* - tem equivalente em - *como tudo flui melhor*.

Estão corretas apenas as afirmações

- a) I, II e III.
- b) I, II e IV.
- c) II, III e IV.
- d) III, IV e V.
- e) II, III, IV e V.

72) (Fuvest-1999) **Mesmo sem ver** quem está do outro lado da linha, os fãs dos bate-papos virtuais viram amigos, namoram e alguns chegam até a casar. (Época, nº1, 25/05/98)

- a) O segmento sublinhado constitui uma oração reduzida. Substitua-a por uma oração (introduzida por conjunção e com o verbo no modo indicativo ou subjuntivo), sem produzir alteração do sentido.
- b) Reescreva a oração "os fãs dos bate-papos virtuais viram amigos" sem mudar-lhe o sentido e sem provocar incorreção, apenas substituindo o verbo.

73) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem vi o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram

das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus". O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmado, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, EXCETO em:

- Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação (...) havia uma camisinha. (que = um dos cidadãos)
- Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto... (que = a reação)
- Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. (que = aquele monstro marinho)
- O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. (que = uma seringa)

74) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória,

um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus". O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmado, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Tampouco era uma camisinha - **que** as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente.

A alternativa que apresenta a interpretação correta da palavra destacada é:

- Tampouco era uma camisinha - cujas praias estão cheias delas...
- Tampouco era uma camisinha - logo as praias estão cheias delas...
- Tampouco era uma camisinha - no entanto as praias estão cheias delas...
- Tampouco era uma camisinha - uma vez que as praias estão cheias delas...

75) (UFPE-2006) O "Adeus" de Teresa

- A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...
- E ela, corando, murmurou-me: "adeus".

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro

Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...

12 E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos... séc'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse - "Voltarei!... descansa!..."
Ela, chorando mais que uma criança,

18 Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

24 E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

São Paulo, 28 de agosto de 1868.

(ALVES, Castro. Espumas Flutuantes. São Paulo: FTD, 1987, p. 53).

GLOSSÁRIO

reposteiro: cortina.

alcova: quarto de dormir.

Empíreo: morada dos deuses (mitologia).

volver: voltar.

arquejar: respirar com dificuldade, ofegar.

librar: fundamentar, basear, concentrar.

malgrado: apesar de, a despeito de.

ardimento: astúcia.

arrostar: olhar de frente, afrontar, encarar sem medo.

Considere os versos:

2) *"Como as plantas que arrasta a correnteza, (verso 2)*

A valsa nos levou nos giros seus..." (verso 3)

Quanto a sua organização sintático-semântica, é correto afirmar:

- O conectivo "que" recupera o termo "plantas", funcionando como sujeito do verbo *arrastar*.
- O termo "nos giros seus" modifica o sentido do verbo *levar*, expressando uma idéia de comparação.
- O termo "a correnteza" funciona como complemento do verbo *arrastar*.
- O conectivo "que" introduz uma estrutura oracional de valor restritivo.
- O conectivo "como" estabelece uma idéia de causa em relação ao verso "A valsa nos levou nos giros seus..."

76) (UFSCar-2000) O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro, atrás de casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito mais tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro, porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, "beijos", violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

(Rubem Braga: Cajueiro. In: **O Verão e as Mulheres**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 84-5.)

Há no texto orações reduzidas de gerúndio e de infinitivo. Assinale a alternativa em que a forma verbal da oração reduzida está desenvolvida corretamente, entre parênteses.

- ... protegendo a família (que protegiam a família).
- ... para apoiar o pé ... (porque apoiaria o pé).
- ... e subir pelo cajueiro acima ... (e que subiria pelo cajueiro acima).
- ... ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além ... (para que veja de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além).
- ... sentir o leve balanceio da brisa da tarde (quando sentisse o leve balanceio da brisa da tarde).

77) (FATEC-2006) O mundo já dispõe de informação e tecnologia para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos pais pobres, mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Foi a partir desse pressuposto que a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou no Brasil o Projeto do Milênio das Nações Unidas. A novidade propõe um conjunto de ações praticas para que o mundo alcance os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – uma serie de metas socioeconômicas com os países da ONU se comprometerem a atingir até 2015, abrangendo áreas como renda, educação, saúde, meio ambiente.

Uma grande mudança nas políticas globais é necessária em 2005, para que os países mais pobres do mundo avancem para alcançar os Objetivos, alerta o projeto. Se forem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza e 250 milhões não passarão mais fome.

O relatório do projeto recomenda que cada país mapeie as principais dimensões da extrema pobreza e faça um plano de ação, incluindo os investimentos públicos necessários. Recomenda também que os governos trabalhem ativamente com todos os segmentos, particularmente com a sociedade civil organizada e o setor privado.

“ Este triunfo do espírito humano nos dá a esperança e a confiança de que a extrema pobreza pode ser reduzida pela metade até o ano de 2015, e até mesmo eliminada totalmente nos próximos anos. A comunidade mundial dispõe de tecnologias políticas, recursos financeiros e, o mais importante, coragem e compaixão humana para fazer isso acontecer”, diz o coordenador no prefácio do relatório.

(texto adaptado da revista Fórum número 24, de 2005)

Considere as seguintes afirmações sobre trechos do texto: O mundo já dispõe de informação e tecnologia / para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos países pobres, / mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Nesse período, a relação de sentido entre a 1ª e a 2ª oração é de finalidade: na 3ª oração, a substituição de MAS por CONTUDO matem o sentido do original.

A passagem – problemas enfrentados pelos países pobres – está redigida na voz passiva: sua adequada redação em voz ativa: os países mais pobres enfrentam problemas. Se [os Objetivos] forem alcançados, / mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. A oração que inicia esse período expressa condição em relação à seqüência de idéias expressas.

Caso [os Objetivos] fossem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. Essa versão do trecho está redigida de acordo com a norma culta.

Deve-se concluir que está correto o que se afirma em

- a) I e II somente.
- b) II e III somente.
- c) I, II e III somente.
- d) II, III e IV somente.
- e) I, II, III e IV.

78) (UEMG-2007) Os pássaros, a canção e a pressa

Considerações sobre a indústria da urgência e o caso de um brasileiro que escapou dela

Roberto Pompeu de Toledo

Houve tempo em que quem falava sozinho na rua era considerado louco. Hoje, em nove casos em dez, trata-se do portador de um telefone celular, pessoa considerada normal. Esta observação, como já terá adivinhado o leitor, vem a propósito da morte desse grande brasileiro que foi Antonio Carlos Jobim, mas vamos por partes, começando

por um retrospecto do que tem sido a aventura humana neste século.

A aceleração do tempo é uma das características do século XX, talvez a principal delas. As coisas chegam e vão embora com impressionante rapidez. Flâmula – quem se lembra desse objeto? Nos anos 50 e 60, não havia quarto de rapaz que não fosse decorado com flâmulas – espécie de bandeira triangular homenageando clubes ou universidades, cidades ou países. As flâmulas chegaram, fizeram grande sucesso e foram embora. O bambolê teve a mesma sorte.

O século XX viu nascer e morrer o long-playing, o comunismo, o Zeppelin, Che Guevara, a admiração por Che Guevara, John Kennedy, a admiração por John Kennedy, o charleston, o musical de Hollywood, a Iugoslávia, o radinho de pilha, os hippies, os yuppies, o bonde elétrico, o Concorde, as viagens espaciais tripuladas, o surrealismo, o gramofone, a vitrola de alta fidelidade (“hi-fi”), o hidroavião, o concretismo, o disco de 78 rotações e a União Soviética. Algumas invenções pareciam irremediavelmente destinadas à obsolescência quando experimentaram um espetacular retorno. Exemplo: camisinha. Outras pareciam destinadas a um espetacular retorno quando experimentaram o fracasso. Exemplo: o Cometa de Halley, que fez enorme sucesso em 1910 e falhou em 1986.

Pode-se alegar que em outros séculos também houve costumes, tecnologias e cometas de vida breve. Não como no século XX, nem em quantidade nem em velocidade. No curto espaço de cinquenta, sessenta ou setenta anos passou-se do 14-Bis ao Boeing 747, da Mariafumaça ao Trem-bala,(...) do cinema mudo ao vídeo laser, do lampião de gás ao forno de microondas. Como resultado, a própria velocidade do tempo passou a ser um valor em si. Se as coisas não andam depressa, ficam aborrecidas. Parar é chatear-se, e lá vamos nós: ganância do tempo, a gula de digeri-lo, o consumo compulsivo (...) dessa substância sem cor nem cheiro chamada tempo passou a ser a mais invencível dependência do período, a droga mais mortal. Esta é a hora dos excitados.

Nesse processo, uma das criações mais características do século foi a indústria da urgência. É preciso correr atrás do tempo. Ou correr na frente, melhor ainda. Chegar antes dele, fazer uma hora em menos de uma hora, eis o ideal. Quem não consegue capota, está fora do ritmo, fora de seu tempo, e pronto – com isso chegamos ao telefone celular. Ele é a culminância apoteótica da indústria da urgência que caracteriza estes nossos anos. Contabilize o leitor com rigor científico: quantas vezes deu na vida, ou recebeu, um telefonema realmente urgente? Algo que não pudesse esperar meia hora, até o próximo orelhão? (...) E no entanto os celulares se multiplicam como saúvas, brotam como capim. Centenas deles, milhares, entram em circulação a cada dia. As pessoas na rua portam o aparelhinho como se fosse uma nova peça do vestuário, ou um novo complemento, como o guarda-chuva ainda que mal comparando, pois o guarda-chuva (...) não toca, não

fala nem é histérico como o telefone celular. De repente um monte de gente percebeu que tem pressa, não pode esperar, que é urgente chamar, é urgente ser chamado, é urgente, é urgente, é tudo tão urgente...

Antonio Carlos Jobim não tinha nada a ver com isso, e é por isso que é lembrado nestas linhas. Era um homem de vagares. Gostava de passarinhos, árvores, canções e poesia, quatro produtos fora do alcance da indústria da urgência. Ele andou na contramão da mistificação da pressa que se abateu sobre as vidas da esmagadora maioria de seus contemporâneos. E porque tinha uma outra percepção do tempo conseguiu, mesmo num território do efêmero como da música popular, deixar uma obra que o ultrapassa, em duração.

(Veja, ed.1371, p.150)

Nas alternativas a seguir, assinale aquela em que se identificou INCORRETAMENTE nos parênteses a idéia do articulador em negrito.

- a) É preciso correr atrás do tempo. Ou correr na frente, melhor ainda. (negação)
- b) Não como no século XX, nem em quantidade nem em velocidade. (comparação)
- c) Ainda que mal comparado, o guarda-chuva não toca como o celular (concessão)
- d) Antonio Carlos Jobim não tinha pressa, e é por isso que é lembrado. (causa)

79) (VUNESP-2007) Resta a idéia de que o escravo morria jovem porque trabalhava demais. Na verdade, a noção de excesso de trabalho é relativa.

Não há dúvida de que os escravos trabalhavam muito. De todos eles, e em qualquer serviço, os senhores exigiam de 15 a 17 horas de trabalho diário, e a tradição os dá como implacáveis nesse ponto. (...)

No campo, alternam-se fases de paradeiro e outras de intensa atividade, ao ritmo das colheitas e das estações. Nas minas, chuvas pesadas interrompem toda a atividade. E o trabalho noturno é impossível, a não ser nos engenhos e durante a fase do cozimento do melaço. Além disso, a jornada de trabalho era cortada por várias pausas. As crianças e os velhos traziam aos trabalhadores do campo grandes vasilhas de água e sopa. Por outro lado, os feriados são numerosos no calendário brasileiro: Maurício Goulart calculou que os dias de trabalho não passavam de 250 por ano.

O excesso de trabalho não explica, portanto, a grande mortalidade entre os escravos.

A explicação estará mais facilmente, talvez, nas condições desse trabalho. O escravo o pratica em climas muito severos. No nordeste, há calor e umidade, muita umidade, durante todo o ano, e os saltos bruscos da temperatura são freqüentes. De uma hora para outra, o termômetro pode passar de 24 a 18 graus. Ora, nessas regiões os escravos usam habitualmente roupas leves, de algodão. Capas e casacos são raros e os resfriados ligeiros, mal curados, fazem-se crônicos e provocam bronquites,

anginas, pneumonias, tuberculose. No centro, no oeste e no sul, o inverno é rigoroso, a temperatura cai facilmente abaixo de zero e não existe qualquer espécie de calefação na casa do senhor ou na senzala. Ocorre com freqüência que os escravos não possuam cobertores e roupas de lã para se protegerem suficientemente do frio. E a terapêutica é muito tateante. Raros médicos diplomados visitam as fazendas para cuidar de doentes.

(Kátia M. de Queirós Mattoso, Ser escravo no Brasil.)

Compare estes trechos, extraídos do fragmento de Mattoso:

Resta a idéia de que o escravo morria jovem porque trabalhava demais.

O excesso de trabalho não explica, portanto, a grande mortalidade entre os escravos.

Comente o valor com que os termos destacados foram empregados, no texto, apontando uma diferença na sua função de elementos relacionantes.

80) (Mack-1998) Segundo a crença popular do Nordeste, quando morrem anjinhos, ainda não acostumados com as coisas da vida e quase sem conhecer as coisas de Deus, é preciso que os seus olhos sejam mantidos abertos para que possam encontrar com mais facilidade o caminho do céu. Pois, com os olhos fechados, os anjinhos errariam cegamente pelo limbo, sem nunca encontrar a morada do Senhor.

Sebastião Salgado

Assinale a alternativa correta.

- a) Quanto à predicação, o verbo "encontrar", da última oração, é transitivo direto e indireto.
- b) A oração "que os seus olhos sejam mantidos abertos" é subordinada substantiva objetiva direta.
- c) No primeiro período há duas orações reduzidas, cuja função é caracterizar o sujeito da oração anterior, a qual é, por sua vez, subordinada adverbial temporal.
- d) A conjunção "pois" que inicia o segundo período dá idéia de conclusão.
- e) A terceira pessoa do plural de "sejam mantidos abertos" indica a indeterminação do sujeito.

81) (FMTM-2005) Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. No trecho, o termo segundo inicia oração subordinada

- a) causal.
- b) proporcional.
- c) comparativa.
- d) concessiva.
- e) conformativa.

82) (Faap-1997) "Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, - questão prenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens."

Machado de Assis

"... é provável que me perguntes...". Sujeito do verbo ser:

- a) ele
- b) provável
- c) que
- d) que me perguntes
- e) indeterminado.

83) (ITA-1995) As questões a seguir referem-se ao texto adiante. Analise-as e assinale, para cada uma, a alternativa incorreta.

Litania dos Pobres

Cruz e Souza

01 Os miseráveis, os rotos

São as flores dos esgotos

São espectros implacáveis

Os rotos, os miseráveis.

05 São prantos negros de furnas

Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários

Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,

10 Cegos, a tatear nas portas.

Procurando os céus, aflitos

12 E varando os céus de gritos.

Inúteis, cansados braços

Mãos inquietas, estendidas.

- a) Na terceira estrofe há elipse do sujeito.
- b) A quinta estrofe só se estende como havendo elipse do sujeito e do verbo.

c) 'A tatear'(v.10) tem valor de 'que tateiam', é oração adjetiva.

d) A vírgula após 'cegos' (v.10) é dispensável.

e) 'de'(v.12) indica posse.

84) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."

Há no texto três orações, e estão numeradas. A segunda - QUE CHEGAVA - é subordinada:

- a) substantiva subjetiva
- b) substantiva objetiva direta
- c) adverbial causal
- d) adverbial final
- e) adjetiva

85) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se

na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."

Há no texto três orações, e estão numeradas. A terceira - EMBORA NÃO PUDESSE VER - oferece uma idéia de:

- a) causa
- b) fim
- c) condição
- d) concessão
- e) conseqüência

86) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a

cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Assinale a forma errada do imperativo:

- a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés.
- b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés.
- c) ponhamo-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés.
- d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés.
- e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés.

87) (IBMEC-2006) A busca da felicidade

Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.

As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.

A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.

Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética? De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos. Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz. (Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Assinale o período composto por oração subordinada substantiva objetiva direta:

- “Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação.”
- “Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.”
- “O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas.”
- “Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano.”
- “Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica...”

88) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal. Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de

uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espiçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo. A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassomburada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante. (AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Na passagem “...pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo...” (linhas 19 a 22), a oração sublinhada tem função de

- predicativo.
- aposto.
- sujeito.
- adjunto.

89) (Unifor-2003) A questão a seguir refere-se ao texto apresentado abaixo.

Uma das mudanças fundamentais ocorridas no Brasil destes últimos 20 a 30 anos é o envelhecimento de nossa população. No entanto, não houve mudanças significativas na qualidade de vida, na distribuição da riqueza e, principalmente, das terras, que no Brasil sempre foram o privilégio histórico da minoria. A população ficou mais velha e mais pobre também. A distância entre ricos e pobres só fez aumentar nestas décadas e, até hoje, esse processo não foi revertido. (Qual seria a verdadeira causa?) Aqui se cruzam a luta pela cidadania e a terceira idade, numa quase barbárie. No seu longo período de juventude, a sociedade brasileira, tanto a urbana quanto a rural, ignorou os velhos e desenvolveu uma série de preconceitos contra a velhice e a participação dos idosos na vida econômica e cultural do país. Era duro ser velho nos anos 60 e 70. E aí não precisava ser muito velho para ser velho, bastava passar dos 30 ou 40 anos! Nas relações

de emprego esse preconceito transformou-se em lei e estendeu-se a todas as formas de relação social e em família.

O velho foi sendo recolhido a sua "inferioridade" e a um mundo limitado, depressivo e solitário. A aposentadoria precoce agravou o problema, e a ausência de equipamentos e serviços destinados a atender a terceira idade tornou a situação ainda mais dramática.

(Herbert de Souza - **Revista Sras. e Srs.** Ano 1, julho/97, p. 41)

A expressão sublinhada no segmento *Destinados a atender a terceira idade* está corretamente substituída em:

- a) pela atenção à terceira idade.
- b) a atenderem-na a terceira idade.
- c) no atendimento a terceira idade.
- d) à atenção da terceira idade.
- e) ao atendimento à terceira idade.

90) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações entre aspas, nos seguintes períodos:

- I. Insistiu "em que permanecesse no clube".
- II. Não há dúvida "de que disse a verdade".
- III. É preciso "que aprendas a ser independente".
- IV. A verdade é "que não saberia viver sem ela".

- a) sujeito -objeto direto - complemento nominal - predicativo do sujeito.
- b) predicativo do sujeito - complemento nominal - objeto direto - sujeito.
- c) sujeito - predicativo do sujeito - objeto indireto - complemento nominal.
- d) objeto indireto - complemento nominal - sujeito - predicativo do sujeito.
- e) complemento nominal - sujeito - predicativo do sujeito - objeto indireto.

91) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.

- a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.
- b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.
- c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.
- d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.
- e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

92) (Mack-1997) I - Na oração

Eu considerava aquele homem meu amigo, o predicado é verbo-nominal com predicativo do objeto.

II - No período

O jovem anseia que os mais velhos confiem nele, a oração subordinada é substantiva objetiva indireta, mas está faltando a preposição regida pelo verbo ansiar.

III - No período

A ser muito sincero, não sei como isto aconteceu, a oração subordinada é adverbial final reduzida de infinitivo.

Quanto às afirmações anteriores, assinale:

- a) se apenas I está correta.
- b) se apenas II está correta.
- c) se apenas III está correta.
- d) se todas estão corretas.
- e) se todas estão incorretas.

93) (UERJ-2002) O Brasil ainda não é propriamente uma nação. Pode ser um Estado nacional, no sentido de um aparelho estatal organizado, abrangente e forte, que acomoda, controla ou dinamiza tanto estados e regiões como grupos raciais e classes sociais. Mas as desigualdades entre as unidades administrativas e os segmentos sociais, que compõem a sociedade, são de tal monta que seria difícil dizer que o todo é uma expressão razoável das partes - se admitimos que o todo pode ser uma expressão na qual as partes também se realizam e desenvolvem. Os estados e as regiões, por um lado, e os grupos e as classes, por outro, vistos em conjunto e em suas relações mútuas reais, apresentam-se como um conglomerado heterogêneo, contraditório, disparatado. O que tem sido um dilema brasileiro fundamental, ao longo do Império e da República, continua a ser um dilema do presente: o Brasil se revela uma vasta desarticulação. O todo parece uma expressão diversa, estranha, alheia às partes. E estas permanecem fragmentadas, dissociadas, reiterando-se aqui ou lá, ontem ou hoje, como que extraviadas, em busca de seu lugar.

É verdade que o Brasil está simbolizado na língua, hino, bandeira, moeda, mercado, Constituição, história, santos, heróis, monumentos, ruínas. Há momentos em que o país parece uma nação compreendida como um todo em movimento e transformação. Mas são freqüentes as conjunturas em que se revelam as disparidades inerentes às diversidades dos estados e regiões, dos grupos raciais e classes sociais. Acontece que as forças da dispersão freqüentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração. As mesmas forças que predominam no âmbito do Estado, conferindo-lhe a capacidade de controlar, acomodar e dinamizar, reiteram continuamente as desigualdades e os desencontros que promovem a desarticulação.

(IANNI, Octávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.)

Acontece que as forças da dispersão freqüentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração."

A análise isolada deste período, do último parágrafo, mostra o verbo “acontece” como oração principal, deixando todo o restante como uma oração subordinada com função de sujeito. A leitura de todo o texto, no entanto, nos permite perceber a expressão “acontece que” com uma função adicional. Essa função seria a de:

- a) reafirmar um conceito
- b) desenvolver uma afirmação
- c) estabelecer um paralelismo
- d) enfatizar uma contraposição

94) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito. (Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça."
"Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde..."

As orações sublinhadas nas frases acima classificam-se, respectivamente, como:

- a) subordinada substantiva subjetiva e subordinada substantiva objetiva direta.
- b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
- c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva restritiva.
- d) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.
- e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva objetiva direta.

95) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:

Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!

Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de

ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.

Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.

(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Assinale a alternativa cuja oração em destaque tem a mesma classificação sintática que a oração destacada no período - Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade.

- a) ... espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos.
- b) ... um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração.
- c) ... os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados de cidadãos alfabetizados no mundo.
- d) Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim.
- e) ... solucionar os dilemas que nos perseguem.

96) (Faap-1997) Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta esturvinhado à crise de uma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se, de novo.

Pelo 13 de maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.

A 15 de novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano: estouram as granadas de Custódio;
Gumercindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o
país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...
Nada o desperta. Nenhuma ferretoada o põe de pé. Social,
como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca
antes de agir, acocora-se.
Monteiro Lobato

Na oração adiante, o sujeito do verbo VIR (venha) é:
" ...o caboclo deixa que do velho mundo venha quem nele
pegue de novo."
a) ele (caboclo)
b) caboclo
c) que
d) velho mundo
e) quem nele pegue de novo.

97) (PUC - RJ-2007) TEXTO 1

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. [...]

O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paraplégico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios. Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos. [...] Foi [...] uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma idéia que pode mudar nossa relação com o mundo.

Extraído da Revista Superinteressante, Editora Abril, agosto de 2006, pp.50-59.

TEXTO 2

O século louco

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco. Um século que usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não usou o coração para fazer isso com sentimento solidário.

Um século no qual a palavra inteligência perdeu o seu sentido pleno, porque o raciocínio foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não foi usado para fazer um mundo melhor e mais belo para todos. A inteligência do século XX foi burra. Foi capaz de fabricar uma bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos, mas incapaz de evitar que se usassem duas delas, matando centenas de milhares de pessoas. O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nestes cem anos loucos: fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo mais decente – como teria sido possível.

Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem os trabalhadores, mas no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego. Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho. Fizemos armas inteligentes, que acertam os alvos sem necessidade de arriscar a vida de pilotos, mas põem em risco a paz entre os povos.[...]

BUARQUE, Cristovam. Os instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos.
Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002, pp. 113-115.

- a) Retire, do Texto 1, uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.
- b) Fazendo todas as modificações necessárias, reescreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante “que”. “Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogame e comandasse um braço robótico.”
- c) Reescreva o período abaixo, utilizando a conjunção “embora” para marcar a relação estabelecida entre as duas orações. “Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.”

98) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodaram-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os

lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Começando o período com a terceira oração, respeitando o sentido, escreveríamos assim:

- a) cada pessoa que chegava não podia ver, porque se punha na ponta dos pés.
- b) cada pessoa que chegava não podia ver, se se pusesse na ponta dos pés.
- c) cada pessoa que chegava não podia ver, mas se punha na ponta dos pés.
- d) cada pessoa que chegava não podia ver, a fim de se pôr na ponta dos pés.
- e) cada pessoa que chegava não podia ver, quando se punha na ponta dos pés.

99) (Faap-1996) "Mas eu o exasperava tanto QUE se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem QUE de certo modo eu amava."

Há no período duas orações que se iniciam com o conectivo QUE. A segunda tem valor de um:

- a) substantivo
- b) consequência
- c) adjetivo
- d) advérbio
- e) verbo

100) (Mack-1996) "Não morrerá sem poetas nem soldados A língua em que cantaste rudemente As armas e os barões assinalados."

Assinale a alternativa correta.

- a) O sujeito da oração principal está no primeiro verso.

b) O primeiro verso apresenta três adjuntos adnominais.

c) O segundo verso introduz uma oração subordinada substantiva subjetiva.

d) A estrofe apresenta um período composto por três orações.

e) O terceiro verso funciona como objeto direto de cantaste.

101) (Fuvest-1996) "Os meninos de rua que procuram trabalho são repelidos pela população."

a) Reescreva a frase, alterando-lhe o sentido apenas com o emprego de vírgulas.

b) Explique a alteração de sentido ocorrida.

102) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.

Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade" pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É

possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. " (Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase "... nenhuma autoridade 'cujas' confissões...", a palavra, entre aspas, no plano morfológico, sintático e semântico é:

- pronome indefinido, complemento nominal, deles.
- pronome relativo, adjunto adnominal, deles.
- pronome relativo, complemento nominal, delas.
- pronome indefinido, adjunto adnominal, delas.
- pronome relativo, complemento nominal, deles.

103) (ITA-2005) (...) defendemos a adoção de normas e o investimento na formação de brinquedistas*, pessoas bem mais preparadas para a função do que estagiários que têm jeito e paciência para cuidar de crianças. (Veja-SP, 13/08/2003)

* brinquedistas - neologismo, que designa as pessoas que brincam com as crianças em creches, escolas e brinquedotecas.

A ambigüidade desse texto deve-se

- às expressões de comparação "bem mais" / "do que".
- à ausência de flexão do pronome relativo "que" em "que tem jeito".
- à distinção das funções sintáticas de "brinquedistas" e de "estagiários".
- à ausência de vírgula após a palavra "estagiários".
- à ordem dos termos.

104) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não

- havam sido por uma tempestade empurrados para
- a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
- de belas aves e em derredor pescava-se excelente
- peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
- tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
- uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
- esta rude gruta, onde ainda então não se via
- a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
- anos era inocente como a flor, e por isso alegre
- e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
- fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
- rola; a causa disto estava no agradável parecer de
- um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
- caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito

- sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
- que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
- o nome dela era Ahy.
- A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
- as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
- disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
- obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
- Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
- e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
- ar, refrescar a frente do guerreiro adormecido.
- Mas
- tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de cansada, procurou fugir do insensível moço e
- fazer
- por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem fugiu-lhe e nem o esqueceu.
- Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
- porque a sua dor era tão grande que lhe podia
- exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
- os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
- compreendido que a grande arma da mulher está
- no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A

Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Justifique o uso das vírgulas em: "A pobre Ahy, que sempre o seguia, ..." (L. 19)

105) (UFMG-1997) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para os provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.

E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejam os otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente. Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele

não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.

Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994

Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, EXCETO em:

- E as mulheres, as crianças, o mar, os livros **que** gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (que = os livros)
- Está numa igreja onde se adora um Deus em **que** ele não acredita. (que = Deus)
- Mas até os exames há os hieróglifos **que** ele procura decifrar. (que = os hieróglifos)
- Pelo jeito, ela deve saber o **que** está pedindo - o que não é o caso dele. (que = ela)

106) (Vunesp-2004) A questão a seguir toma por base uma passagem de uma carta do poeta parnasiano Raimundo Correia (1859-1911) e fragmentos de um ensaio do poeta modernista Jorge de Lima (1893-1953).

A Rodolfo Leite Ribeiro

(...) Noto nas poesias tuas, que o Vassourense tem publicado, muita naturalidade e cor local, além da nitidez do estilo e correção da forma. Sentes e conheces o que cantas, são apazivelmente brasileiros os assuntos, que escolhes. Um pedaço de nossa bela natureza esplêndida palpita sempre em cada estrofe tua, com todo o vigor das tintas que aproveitas. No "Samba" que me dedicas, por exemplo, nenhuma particularidade falta dessa nossa dança macabra, movimento, graça e verdade ressaltam de cada um dos quatorze versos, que constituem o soneto. / Como eu invejo isso, eu devastado completamente pelos prejuízos dessa escola a que chamam parnasiana, cujos produtos aleijados e raquíticos apresentam todos os sintomas da decadência e parecem condenados, de nascença, à morte e ao olvido! Dessa literatura que importamos de Paris, diretamente, ou com escala por Lisboa, literatura tão falsa, postiça e alheia da nossa índole, o que breve resultará, pressinto-o, é uma triste e lamentável esterilidade. Eu sou talvez uma das vítimas

desse mal, que vai grassando entre nós. Não me atrevo, pois, a censurar ninguém; lastimo profundamente a todos! / É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística e literária, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e nosso; e os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de restauração. Não achas? Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi... Nenhum, porém, se lembrara de cantar a Praia do Flamengo, como o fizeste, e qualquer julgaria indigno de um soneto o Samba, que ecoa melancolicamente na solidão das nossas fazendas, à noite. / Entretanto, este e outros assuntos vivem na tradição de nossos costumes, e é por desprezá-los assim que não temos um poeta verdadeiramente nacional. / Qualquer assunto, por mais chilro e corriqueiro que pareça ser, pode deixar de sê-lo, quando um raio do gênio o doure e inflame. / Tu me soubeste dar uma prova desse asserto. Teus formosos versos é que hão de ficar, porque eles estão alumados pela imensa luz da verdade. Essa rota que me apontas é que eu deveria ter seguido, e que, infelizmente, deixei de seguir. O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje. / Continua, meu Rodolfo. Mais alguns sonetos no mesmo gênero; e terás um livro que, por si só, valerá mais que toda a biblioteca de parnasianos. Onde, nestes, a pitoresca simplicidade, a saudável frescura, a verdadeira poesia de teus versos?!

(Raimundo Correia. Correspondência. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.)

Todos Cantam sua Terra... (1929)

[...] Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer coisa às claras. Pois que deu fé que estava em erro. Que se esquecera do Brasil, que se expressava numa língua que não era a fala do povo, que enveredara por terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo. Trabalho deu a esse movimento literário atual, a que chamam de moderno, trazer a literatura brasileira ao ritmo da nacionalidade, isto é, integrá-la com as nossas realidades reais. Mais ou menos isso falou o grande crítico. Assim como falou do novo erro em que caiu esta literatura atual criando um convencionalismo modernista, uma brasilidade forçada, quase tão errada, quanto a sua imbrasilidade. Em tudo isso está certo Tristão. Houve de fato ausência de Brasil nos antigos, hoje parece que há Brasil de propósito nos modernos. Porque nós não poderíamos com sinceridade achar Brasil no índio que Alencar isolou do negro, cedendo-lhe as qualidades lusas, batalhando por um abolicionismo literário do índio que nos dá a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone. O mesmo se deu com Gonçalves Dias em que o índio entrou com o vestuário de penas pequeno e escasso demais para disfarçar o que havia de Herculano no escritor.

[...]

Da mesma forma que os nossos primeiros literatos cantaram a terra, os nossos poetas e escritores de hoje querem expressar o Brasil numa campanha literária de “custe o que custar”. Surgiram no começo verdadeiros manifestos, verdadeiras paródias ao Casimiro e ao Gonçalves Dias: “Todos dizem a sua terra, também vou dizer a minha”. E do Norte, do Sul, do sertão, do brejo, de todo o país brotaram grupos, programas, proclamações modernistas brasileiras, umas ridículas à beça. Ninguém melhor compreendeu, adivinhou mesmo, previu o que se ia dar, botando o preto no branco, num estudo apenso ao meu primeiro livro de poesia em 1927, do que o meu amigo José Lins do Rego. (...)

Dois anos depois é o mesmo protesto de Tristão de Ataíde: “esse modernismo intencional não vale nada!” Entretanto nós precisamos achar a nossa expressão que é o mesmo que nos achamos. E parece que o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa.[...]

No seio deste Modernismo já se opera uma reação anti-ANTISINTAXE, anti-ANTIGRAMATICAL em oposição ao desleixo que surgiu em alguns escritos, no começo. Nós não temos um passado literário comprido (como têm os italianos, para citar só um povo), que nos endosse qualquer mudança no presente, pela volta a ele, renascimento dele, pela volta de sua expressão estilística ou substancial. A nossa tradição estilística, de galho deus, na terra boa em que se plantando dá tudo, apenas garranchos. (Jorge de Lima. Ensaaios. In: Poesias completas - v. 4. Rio de Janeiro: José Aguilar/MEC, 1974.)

As orações subordinadas adjetivas se identificam por se referirem, como os adjetivos, a um substantivo antecedente, integrando-se, deste modo, ao sintagma nominal de que tal substantivo constitui o núcleo. De posse desta informação,

- indique as duas orações adjetivas que aparecem no período seguinte do texto de Raimundo Correia e identifique o sintagma nominal a que se integram: “Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi”.
- aponte dois termos de orações desse período que estejam ocultos, isto é, não expressos na superfície da oração, embora implícitos em sua estrutura.

107) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os

olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.

- Já acabei, murmurou ele.

- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Conteí a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes:

“Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Observe os seguintes trechos:

I) “... encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, **que** eu conheço de vista e de chapéu.”

II) “Sucedeu, porém, **que**, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes...”

III) “Os vizinhos, **que** não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha...”

IV) “...não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, **que** afinal pegou.”

V) “Meu caro Dom Casmurro, não cuide **que** o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade...”

Assinale a alternativa correta que completa a sentença abaixo.

O elemento, em destaque, introduz orações com o mesmo valor sintático em

- III, IV e V
- II, IV e V
- I, III e IV
- I, II e V

108) (UDESC-1998) Assinale a alternativa INCORRETA:

Em "Hoje, crianças invejam outras que já viajaram para a Disney":

- a) há duas orações, sendo a segunda uma subordinada adjetiva restritiva;
- b) <que> é um pronome relativo;
- c) <invejam> é verbo intransitivo;
- d) <para a Disney> é um adjunto adverbial de lugar;
- e) <hoje> e <já>, <outras>, <para>, <a> correspondem, respectivamente, a advérbios de tempo, pronome indefinido, preposição e artigo definido.

109) (UFC-2002) Assinale a alternativa que apresenta corretamente os antecedentes dos relativos grifados no fragmento abaixo.

“Horrorizado da aranha, desviei dela a minha luneta mágica e em movimento de repulsão levei-a até uma das extremidades do telhado, onde encontrei metade do corpo de um rato **que**¹ me olhava esperto, e com ar **que**² me pareceu de zombaria.

Senti vivo desejo de estudar o rato e fixei-o com a minha luneta; mas o tratante somente me deixou exposto durante minuto e meio, e fugiu-me, deixando-me ouvir certo ruído **que**³ me pareceu verdadeira risada de rato.”

	que ¹	que ²	que ³
a)	um rato	ar	o rato
b)	um rato	ar	certo ruído
c)	um rato	ar	vivo desejo
d)	uma aranha	esperto	vivo desejo
e)	uma aranha	esperto	o rato

110) (IBMEC-2007)



(Dik Browne, O melhor de Hagar, o Horrível, L&PM)

Considere as afirmações:

- I. No primeiro quadrinho, a seqüência dos adjetivos (esbelto, bonito, espirituoso) resulta na intensificação progressiva de seus significados, dando origem à figura de estilo chamada de hipérbole.
 - II. Se em vez de empregar o verbo “haver” (para indicar tempo decorrido), Helga utilizasse o verbo “fazer”, segundo a norma culta, o período deveria ser assim reescrito: o que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso com o qual casei fazem vinte anos?
 - III. A oração “com o qual casei” é subordinada adjetiva restritiva. Está(ão) correta(s):
- a) Apenas I.

- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) I e II.
- e) I e III.

111) (UFF-2001) E eis que a utopia volta à cena. Mas não temos por que surpreender-nos com isso. Os que decretaram o fim das utopias ignoraram os autores que viram na consciência utópica uma dimensão permanente da condição humana e os que compreenderam a utopia no sentido sociológico, como expressão de grupos e estratos marginalizados, sempre presentes em qualquer sociedade. Entre os pensadores do primeiro grupo está Freud, que descobriu a força e a materialidade do desejo, sua capacidade ilimitada de construir mundos imaginários para anular privações reais. Entre eles, também, figura Ernst Bloch, que, sintetizando Freud e Marx, disse que a utopia é um ‘sonhar para a frente’, a concretização do ‘princípio esperança’, graças ao qual a humanidade marcha no longo caminho que leva à redenção. A lista inclui, finalmente, Jürgen Habermas e Karl-Otto Apel, para os quais cada ato lingüístico remete necessariamente à utopia da comunicação perfeita, ordem das coisas na qual os homens se relacionam entre si de modo igualitário e não-violento, ou seja, à utopia da comunidade argumentativa ideal.

O segundo grupo inclui autores como Karl Mannheim, que viu na utopia uma reflexão voltada para a superação da sociedade existente, em contraste com a ideologia, que tenta legitimar essa sociedade. A utopia, nesse sentido, é a antevisão de uma sociedade mais justa, formulada por minorias e classes sociais descontentes com o *status quo*. ROUANET, Sérgio Paulo. *A morte e o renascimento das utopias*. In: Folha de S. Paulo, Caderno MAIS!, São Paulo, 25/06/2000, p. 15

UTOPIA [Do lat. mod. utopia < gr. o oî, 'não', + gr. tópos, 'lugar', + gr. -ía, (v. -ia1).] S. f. 1. País imaginário, criação de Thomas Morus (1480-1535), escritor inglês, onde um governo, organizado da melhor maneira, proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz. 2. P. ext. Descrição ou representação de qualquer lugar ou situação ideais onde vigorem normas e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas. 3. P. ext. Projeto irrealizável; quimera; fantasia. (Aurélio eletrônico, versão 3.0)

O segundo grupo inclui autores como Karl Mannheim, que viu na utopia uma reflexão voltada para a superação da sociedade existente, em contraste com a ideologia, que tenta legitimar essa sociedade. (linhas 14-16).

Transcreva do período acima apenas um exemplo de termo com a mesma função sintática do termo sublinhado.

112) (IBMEC-2007) Fim da polêmica

Pesquisadores americanos criam cultura de células-tronco sem destruir o embrião A pesquisa com células-tronco embrionárias é uma dessas áreas da ciência em que os métodos têm de se adaptar aos dogmas. Os cientistas defendem que as células-tronco, capazes de formar diferentes tecidos do corpo, podem levar, no futuro, à cura de doenças como o mal de Alzheimer e o diabetes tipo 1. Os críticos argumentam que o método usado nesses estudos, que passa pela destruição de embriões humanos, é um atentado contra a vida. Na semana passada, a Advanced Cell Technology, uma empresa de biotecnologia dos Estados Unidos com sede na Califórnia, anunciou ter descoberto uma maneira de desenvolver células-tronco embrionárias sem destruir o embrião que lhes deu origem. Se for confirmada sua eficiência, o novo método vai tirar do caminho o principal argumento do lobby conservador que tenta atrasar o progresso científico nos Estados Unidos, na Europa e até no Brasil. A técnica consiste em fazer uma biópsia, retirando uma única célula de um embrião de dois dias. Nesse estágio, ele normalmente não passa de um aglomerado de oito células. Pelo método antigo, o material que dá origem à linhagem de células-tronco é retirado do interior de embriões mais desenvolvidos, com cinco dias. Nessa fase, o embrião não resiste à retirada de células de seu centro.

A experiência já havia sido feita com ratos no ano passado, mas é a primeira vez que dá certo com células humanas.

“A questão é que, até hoje, ninguém havia conseguido criar culturas de células-tronco a partir de uma única célula retirada de um embrião humano em início de desenvolvimento — e esse é o grande mérito da nova técnica”, diz Mayana Zatz, coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo.

Na pesquisa divulgada na semana passada, apenas duas entre 91 células retiradas de embriões de dois dias geraram linhagens de células-tronco. Trata-se de um índice de aproveitamento baixo, mas os cientistas dizem ser possível melhorar. A biópsia em embriões de 2 dias não é uma novidade em si. A técnica vem sendo utilizada há dez anos por casais que fazem fertilização in vitro e querem saber se seu filho terá doenças como hemofilia. As análises genéticas são feitas na célula isolada enquanto o embrião continua a se desenvolver normalmente. Confrontados com esses fatos, os representantes do lobby cristão — responsáveis por convencer o presidente George W. Bush a vetar, em julho, um projeto de lei que facilitava a pesquisa com células-tronco — saíram-se com um novo argumento: o de que qualquer manipulação de embriões humanos é um desrespeito à vida. Pelo jeito, de nada adianta uma lanterna para quem não quer abrir os olhos. (Veja, edição 1971. 30 agosto de 2006)

Assinale a alternativa que transforma o período coordenado “Trata-se de um índice de aproveitamento baixo, mas os cientistas dizem ser possível melhorar” em

um período subordinado, preservando-se a mesma idéia e mantendo-se a coerência e a correção gramatical.

- a) Como se trata de um índice de aproveitamento baixo, os cientistas dizem ser possível melhorar.
- b) Trata-se de um índice de aproveitamento baixo, à medida que os cientistas dizem ser possível melhorar.
- c) Ainda que se trate de um índice de aproveitamento baixo, os cientistas dizem ser possível melhorar.
- d) Embora os cientistas digam ser possível melhorar, se trata de um índice de aproveitamento baixo.
- e) Caso se trate de um índice de aproveitamento baixo, os cientistas dizem ser possível melhorar.

113) (UEL-1996) Foi impossível A VENDA DO TERRENO (a), mas eles deixaram OS DOCUMENTOS (b) lá porque precisavam de UMA CÓPIA AUTENTICADA (c), que seria feita por UM FUNCIONÁRIO (d), assim que eles fechassem O EXPEDIENTE (e).

É sujeito de uma oração o segmento assinalado com a letra:

- a) (a).
- b) (b).
- c) (c).
- d) (d).
- e) (e).

114) (Faap-1996) Hão de chorar por ela os cinamomos, Murchando as flores ao tombar do dia. Dos laranjais hão de cair os pomos, Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - "Por que não vieram juntos?"
(Alphonsus de Guimaraens)

"Lembrando-se daquela que os colhia". Sujeito do verbo COLHER:

- a) ela
- b) Constança
- c) que (no lugar de aquela)
- d) indeterminado
- e) inexistente

115) (PUC-SP-1998) Leia abaixo alguns trechos do capítulo 36, da obra São Bernardo, de Graciliano Ramos, e responda às questões.

"Foi aí que me surgiu a idéia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A idéia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.

(...)

De repente voltou-me a idéia de construir o livro. Assinei a carta ao homem dos porcos e, depois de vacilar um instante, porque nem sabia começar a tarefa, redigi um capítulo.

Desde então procuro descascar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tingem de preto.

(...)

Anteontem e ontem, por exemplo, foram dias perdidos. Tentei debalde canalizar para termo razoável esta prosa que se derrama como a chuva da serra, e o que me apareceu foi um grande desgosto. Desgosto e a vaga compreensão de muitas coisas que sinto."

Leia com atenção as afirmações abaixo.

- I. Em "Há cerca de quatro meses...", se empregássemos o verbo haver por fazer, teríamos: Fazem cerca de quatro meses.
- II. Em "fumando cachimbo e bebendo café", há paralelismo sintático e ambas as orações são subordinadas adverbiais temporais, reduzidas de gerúndio.
- III. A oração "que me apareceu" é subordinada adjetiva, iniciada pelo conectivo que, pronome relativo, cuja função sintática é sujeito.

Podemos considerar corretas as informações:

- a) I e II apenas;
- b) II e III apenas;
- c) I e III apenas;
- d) Todas;
- e) Nenhuma.

116) (ITA-2001) Leia o texto seguinte:

Levantamento inédito com dados da Receita revela quantos são, quanto ganham e no que trabalham os ricos brasileiros que pagam impostos. (...)

Entre os nove que ganham mais de 10 milhões por ano, há cinco empresários, dois empregados do setor privado, um que vive de rendas. O outro, quem diria, é servidor público.

(Veja, 12/7/2000.)

- a) A ausência de vírgula no trecho em destaque, no primeiro parágrafo, afeta o sentido? Justifique.
- b) Por que o emprego da vírgula é obrigatório no trecho em destaque, no segundo parágrafo? O que esse trecho permite inferir?

117) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.

Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre "muito tido, muito visto, muito conhecido", como diria o poeta Rimbaud. Daí a seriedade do ofício do cronista e a frequência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)

Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d'água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede. (Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa**. Aguilar, 1974, p. 591-2)

... meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento **formada à sua volta**.

(1º parágrafo)

A oração grifada acima tem sua forma desenvolvida equivalente a

- a) que se forma à sua volta.
- b) visto que se forma à sua volta.
- c) embora se forme à sua volta.
- d) enquanto se forma à sua volta.
- e) à medida que se forma à sua volta.

118) (UECE-2002) O ÓDIO À DIFERENÇA

É milenar o hábito de estranhamento entre os homens. Indivíduos que por algum motivo destoam num grupo qualquer costumam provocar sentimentos de antipatia entre aqueles que se sentem iguais entre si - e superiores ao que lhes parece diferente. O racismo, baseado em preconceito, nasce daí. Povos mais escuros, mais pobres, menos cultos ou simplesmente de outra etnia sempre foram vítimas de desprezo irracional por parte de coletividades que se consideram superiores na comparação.

(VEJA. 26/9/2001)

Na sentença, *O racismo, baseado em preconceito, nasce daí*, o fato de a expressão *baseado em preconceito* vir entre vírgulas indica que

- a) todo racismo se apóia em preconceito
- b) há um racismo apoiado em preconceito e outro não apoiado em preconceito
- c) há diferença entre o racismo apoiado e o não apoiado em preconceito
- d) há mais racismo apoiado em preconceito do que racismo não apoiado em preconceito

119) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando.

Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

- a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra “amanhã”?
- b) A inclusão de uma vírgula após o termo “feminina” alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de “revista eletrônica feminina”?

120) (PUC-SP-2003) Os cinco sentidos

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons.

As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles. SANTAELLA, Lucia. Matrizes da Linguagem e Pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2001.

O 2º parágrafo do texto, tendo em vista sua organização sintática, constitui-se basicamente de orações complexas, isto é, principais, seguidas por orações

- a) substantivas e adverbiais.
- b) adjetivas e adverbiais.
- c) adverbiais.
- d) adjetivas.
- e) substantivas.

121) (UFPR-2002) Os promotores públicos que não se intimidam com as ameaças do poder procuram apurar provas contra os donos das empreiteiras, que têm obtido vantagens nas negociações com os órgãos públicos. Por esses motivos, a sociedade manifesta em relação a eles sentimentos de apoio e repúdio, respectivamente.

A partir das afirmações acima pode-se deduzir:

- () A sociedade manifesta sentimentos de apoio e repúdio em relação aos promotores públicos.
- () Todos os promotores públicos procuram apurar provas contra os donos das empreiteiras.
- () Todos os donos das empreiteiras têm obtido vantagens nas negociações com os órgãos públicos.
- () Alguns promotores públicos não se intimidam com as ameaças do poder.
- () Em relação às negociatas com os donos das empreiteiras, a sociedade manifesta repúdio.
- () Alguns donos de empreiteiras têm obtido vantagens nas negociações com os órgãos públicos e apenas esses têm sido objeto de investigação por parte dos promotores públicos.

122) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma

E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Moraes)

"De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama"
Sujeito do verbo desfazer (desfez):
a) calma
b) vento
c) que (no lugar de vento)
d) olhos
e) chama

123) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Moraes)

"Que dos olhos desfez a última chama"
Oração subordinada:
a) substantiva subjetiva.
b) substantiva objetiva direta.
c) substantiva objetiva indireta.
d) substantiva completiva nominal.
e) adjetiva.

124) (ITA-2002) Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços.

O **que**, empregado como conectivo, introduz uma oração:

- a) substantiva.
- b) adverbial causal.
- c) adverbial consecutiva.
- d) adjetiva explicativa.
- e) adjetiva restritiva.

125) (Faap-1997) Texto I

"Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Gonçalves Dias

Texto II

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernalongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Murilo Mendes

"As aves QUE aqui gorjeiam...".
O pronome em maiúsculo é relativo; vem no lugar de aves
e exerce a função sintática de:

- a) sujeito
- b) objeto direto
- c) objeto indireto
- d) complemento nominal
- e) agente da passiva.

126) (UECE-2002) Texto: IRACEMA

Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
(José de Alencar)

O objetivo principal do texto é caracterizar Iracema. Essa intenção se materializa pelo(a)

- I. uso de formas verbais de aspecto durativo
- II. predominância de verbos no pretérito perfeito do indicativo
- III. emprego de adjetivos e orações relativas

É correto o que se afirma

- a) em I e II
- b) em I e III
- c) em I, II e III
- d) apenas em III

127) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...

Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação. As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

Mantém-se o sentido da frase "se for estimulante" em:

- a) conquanto seja estimulante.
- b) desde que seja estimulante.
- c) ainda que seja estimulante.
- d) porquanto é estimulante.
- e) posto que é estimulante.

128) (UFSCar-2004) As pessoas que admitem, por razões que consideram moralmente justificáveis, a eutanásia, o fato de acelerar ou mesmo de provocar a morte de um ente querido, para lhe abreviar os sofrimentos causados por uma doença incurável ou para terminar a existência miserável de uma criança monstruosa, ficam escandalizadas com o fato de que, do ponto de vista jurídico, a eutanásia seja assimilada, pura e simplesmente, a um homicídio. Supondo-se que, do ponto de vista moral, se admita a eutanásia, não se atribuindo

um valor absoluto à vida humana, sejam quais forem as condições miseráveis em que ela se prolonga, devem-se pôr os textos legais em paralelismo com o juízo moral? Seria uma solução perigosíssima, pois, em direito, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos, promulgando uma legislação indulgente nessa questão de vida ou de morte. Mas constatou-se que, quando o caso julgado reclama mais a piedade do que o castigo, o júri não hesita em recorrer a uma ficção, qualificando os fatos de uma forma contrária à realidade, declarando que o réu não cometeu homicídio, e isto para evitar a aplicação da lei. Parece-me que esse recurso à ficção, que possibilita em casos excepcionais evitar a aplicação da lei - procedimento inconcebível em moral -, vale mais do que o fato de prever expressamente, na lei, que a eutanásia constitui um caso de escusa ou de justificação.

(Perelman, *Ética e Direito.*)

Assinale a alternativa em que a construção sintática mantém o mesmo sentido de *como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos.*

- a) Se a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos.
- b) Corre-se o risco de graves abusos, uma vez que a dúvida normalmente intervém em favor do acusado.
- c) Corre-se o risco de graves abusos, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado.
- d) A fim de que a dúvida normalmente intervenha em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos.
- e) Corre-se o risco de graves abusos, à proporção que a dúvida normalmente intervenha em favor do acusado.

129) (UFSCar-2004) Se você quer construir um navio, não peça às pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar.

(Saint-Exupéry)

Uma outra versão do início do texto, mantendo seu sentido original, é:

- a) Querendo construir um navio...
- b) Construído um navio...
- c) À medida que construir um navio...
- d) Por querer construir um navio...
- e) Ainda que queira construir um navio...

130) (Faap-1996) "Mas eu o exasperava tanto QUE se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem QUE de certo modo eu amava."

Há no período duas orações que se iniciam com o conectivo QUE. A primeira dá idéia de:

- a) condição
- b) consequência

- c) concessão
- d) causa
- e) tempo

- 131) (Mack-2005) 1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
2. menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
 3. canção paralelística (...).
 4. O "Cantar de amor" foi fruto de meses de leitura dos cancioneiros.
 5. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
 6. com a cabeça cheia de "velidas" e "mha senhor" e "nula ren";
 7. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
 8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

No trecho Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, **que fiquei com a cabeça cheia** (linhas 05 e 06), a circunstância expressa pela frase destacada é de:

- a) temporalidade.
- b) condição.
- c) causa.
- d) conformidade
- e) consequência

132) (UFRJ-2005) A CIDADE SITIADA (1949)

LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA

O subúrbio de S. Geraldo, no ano de 192..., já misturava ao cheiro de estrebaria algum progresso. Quanto mais fábricas se abriam nos arredores, mais o subúrbio se erguia em vida própria sem que os habitantes pudessem dizer que transformação os atingia. Os movimentos já se haviam congestionado e não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça que os cavalos vagarosos puxavam, enquanto um automóvel impaciente buzina atrás lançando fumaça. Mesmo os crepúsculos eram agora enfumaçados e sanguinolentos. De manhã, entre os caminhões que pediam passagem para a nova usina, transportando madeira e ferro, as cestas de peixe se espalhavam pela calçada, vindas através da noite de centros maiores. Dos sobrados desciam mulheres despenteadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os preços. E quando sobre o alegre movimento da manhã soprava o vento fresco e perturbador, dir-se-ia que a população inteira se preparava para um embarque. Ao pôr-do-sol galos invisíveis ainda cocoricavam. E misturando-se ainda à poeira metálica das fábricas o cheiro das vacas nutria o entardecer. Mas de noite, com as ruas subitamente desertas, já se respirava o silêncio com desassossego, como numa cidade; e nos andares piscando

de luz todos pareciam estar sentados. As noites cheiravam a estrume e eram frescas. Às vezes chovia. (LISPECTOR, Clarice. A Cidade sitiada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.)

Nos trechos transcritos a seguir, a conjunção enquanto expressa o mesmo valor semântico fundamental, mas, em um deles, em virtude do contexto, ela expressa também um valor de contraste:

- 1) não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça que os cavalos vagarosos puxavam, enquanto um automóvel impaciente buzina atrás lançando fumaça. (_ . 7 - 11)
- 2) Dos sobrados desciam mulheres despenteadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os preços. (_ . 16 - 20)

- a) Classifique sintaticamente as orações introduzidas por enquanto e indique o valor semântico fundamental expresso por essa conjunção nos dois trechos.
- b) Identifique o trecho em que a conjunção expressa também o valor de contraste e justifique sua resposta.

133) (Fatec-1995) A oração entre aspas está em forma reduzida (de infinitivo):

"Apesar de só dizer a verdade", não lhe deram crédito.

Assinale a alternativa em que ela aparece desenvolvida de forma correta.

- a) Apesar que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
- b) Apesar que só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
- c) Visto que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
- d) Embora só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
- e) Mesmo dizendo a verdade, não lhe deram crédito.

134) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinquenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de

insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo. A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.
(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Assinale a alternativa na qual NÃO se altera o sentido da frase “Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada...” (linhas 30 a 32).

- a) Depois que fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.
- b) Assim que fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.
- c) Quando fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.
- d) Como fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.

135) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.
(Jornal Comunicação, n.1, março 2002, p. 3)

Um leitor pode relacionar o conteúdo da construção “com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho...” com o que é mencionado pelo coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU. No entanto, essa leitura torna-se problemática, pois o leitor poderia esperar, a partir daquela construção, uma

- a) consequência.

- b) causa.
- c) finalidade.
- d) condição.
- e) proporção.

136) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.
(Jornal Comunicação, n.1, março 2002, p. 3)

Considerando o período *Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho*, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as idéias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

- a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

137) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.

- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Conteí a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

“Sucedeu, porém, que, **como eu estava cansado**, fechei os olhos três ou quatro vezes...”

Assinale a alternativa que melhor corresponde ao trecho destacado acima.

- a) apesar de eu estar cansado.
- b) enquanto eu estava cansado.
- c) porque eu estava cansado.
- d) embora eu estivesse cansado.

138) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada “não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento”. Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta

formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que “um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!”

Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a oração sublinhada indica uma condição.

- a) A menos que ele faça o pagamento da fatura, seu crédito não será restabelecido.
- b) Não sabia se devia esperar pelo chefe naquela rua deserta.
- c) Se o trator derrubar o casebre, seus moradores vão ficar na rua.
- d) O garoto não era assim tão forte; por isso, devia-se ajudá-lo.
- e) Ei-la que passa sem perceber que é bonita como uma deusa.

139) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro.

Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.

Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.

Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.

Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.

É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.

Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto,

teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido. CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Os diversos tipos de relação sintática entre orações podem ser estabelecidos sem conectivo explícito, através das formas de infinitivo, gerúndio ou participio, como vemos no seguinte exemplo:

“Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo.”

Reconheça o tipo de relação sintática expressa pelo gerúndio sublinhado no período acima.

- a) conclusão
- b) temporalidade
- c) condicionalidade
- d) mediação
- e) conformidade

140) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade. Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas. Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis. Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugio consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar. É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.

Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido. CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Os dois referenciais literários definidores de nossa identidade, de acordo com o texto, seriam:

*“Fomos e seremos assim, em nossa essência, **embora** as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.”*

Assinale a opção em que, ao reescrever-se o fragmento acima, substituiu-se o conectivo sublinhado por outro de valor condicional, fazendo-se alterações aceitáveis.

- a) Fomos e seremos assim em nossa essência, porque as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
- b) Fomos e seremos assim em nossa essência, enquanto as circunstâncias mudarem e nós mudarmos com elas.
- c) Éramos e somos assim em nossa essência, à medida que as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
- d) Teríamos sido e seríamos assim em nossa essência, se as circunstâncias mudassem e nós mudássemos com elas.
- e) Temos sido e somos assim em nossa essência, conforme as circunstâncias têm mudado e nós temos mudado com elas.

141) (UFES-2002) Ainda que mal
Carlos Drummond de Andrade

Ainda que mal pergunte,
ainda que mal respondas;
ainda que mal te entenda,
ainda que mal repitas;
ainda que mal insista,
ainda que mal desculpes;
ainda que mal me exprima,
ainda que mal me julgues;
ainda que mal me mostre,
ainda que mal me vejas;
ainda que mal te encare,
ainda que mal te furtas
ainda que mal te siga,
ainda que mal te voltes;
ainda que mal te ame,
ainda que mal o saibas;
ainda que mal te agarre,
ainda que mal te mates;
ainda assim te pergunto
e me queimando em teu seio,
me salvo e me dano: amor.

O termo que introduz a maioria dos versos do texto acima estabelece relação de

- a) comparação.
- b) condição.
- c) concessão.
- d) conformidade.
- e) finalidade.

142) (Fuvest-2000) Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pôr em confronto essas idéias com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso dessas idéias, à luz do princípio geral que vem regendo as mesmas idéias.

- a) Transcreva o texto, substituindo as expressões sublinhadas por pronomes pessoais que lhes sejam correspondentes e efetuando as alterações necessárias.
- b) Reescreva a oração *Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia*, introduzindo-a pela conjunção adequada e mantendo a correlação entre os tempos verbais.

143) (UFRJ-2008) Aprendi a aprender com filmes (DUARTE, Rosália. Cinema & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.)

TEXTO I

Como se comportar no cinema (A arte de namorar) (Vinicius de Moraes)

Poucas atividades humanas são mais agradáveis que o ato de namorar, e é sobre a arte de praticá-lo dentro dos cinemas que queremos fazer esta crônica. Porque constitui uma arte fazê-lo bem no interior de recintos cobertos, mormente quando se dispõe da vantagem de ambiente escuro propício.

A tendência geral do homem é abusar das facilidades que lhe são dadas, e nada mais errado; pois a verdade é que namorando em público, além dos limites, perturba ele aos seus circunstantes, podendo atrair sobre si a curiosidade, a inveja e mesmo a ira daqueles que vão ao cinema sozinhos e pagam pelo direito de assistir ao filme em paz de espírito.

Ora, o namoro é sabidamente uma atividade que se executa melhor a coberto da curiosidade alheia. Se todos os frequentadores dos cinemas fossem casais de namorados, o problema não existiria, nem esta crônica, pois a discrição de todos com relação a todos estaria na proporção direta da entrega de cada um ao seu namoro específico. [...]

De modo que, uma das coisas que os namorados não deveriam fazer é se enlaçar por sobre o ombro e juntar as cabeças. Isso atrapalha demais o campo visual dos que estão à retaguarda. [...] Cochichar, então, é uma grande falta de educação entre namorados no cinema. Nada perturba mais que o cochicho constante e, embora eu saiba que isso é pedir muito dos namorados, é necessário que se contenham nesse ponto, porque afinal de contas aquilo não é casa deles. Um homem pode fazer milhões de coisas – massagem no braço da namorada, cosquinha no seu joelho, festinha no rostinho delazinha; enfim, a grande

maioria do trabalho de “mudanças” em automóveis não hidramáticos – sem se fazer notar e, conseqüentemente, perturbar aos outros a fruição do filme na tela. Porque uma coisa é certa: entre o namoro na tela – e pode ser até Clark Gable versus Ava Gardner – e o namoro no cinema, este é que é o real e positivo, o perturbador, o autêntico.

O texto de Vinicius de Moraes, sobre a “arte de namorar” no cinema, levanta uma hipótese que anularia a existência da crônica. Transcreva exclusivamente a oração subordinada adverbial que traduz a referida hipótese.

144) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada indica a causa da ação da oração principal.

- a) Tomava conta das crianças durante o dia, portanto não podia avistar-se com os amigos.
- b) Choveu muito mesmo, pois eu vi com estes olhos. Acreditem.
- c) Ninguém o aceitava como empregado porque ele vivia embriagado.
- d) Tanto ele bebia, que muitas vezes era necessário a esposa ir buscá-lo à adega.
- e) Começava a descer a rua, quando Aurélia se aproximou e segredou-lhe algo.

145) (ITA-2002) Beber é mal, mas é muito bom. (FERNANDES, Millôr. Mais! Folha de S. Paulo, 5 ago. 2001, p. 28.)

O efeito de sentido da frase de Millôr Fernandes deve-se a uma relação de:

- a) causa.
- b) semelhança.
- c) antecedência.
- d) concessão.
- e) conseqüência.

146) (ITA-1995) Cada alternativa da questão a seguir consta de dois itens. A primeira oração do item 1 deve estar na forma reduzida correta no item 2. Assinale a alternativa em que isso 'não' ocorre:

- a)
 - 1 - Porque saiu de casa, se machucou.
 - 2 - Por sair de casa, se machucou.
- b)
 - 1 - Quando saiu de casa, ouviu um apito.
 - 2 - Tendo saído de casa, ouviu um apito.
- c)
 - 1 - Já que se aprontara, queria ver o espetáculo.
 - 2 - Tendo se aprontado, queria ver o espetáculo.
- d)
 - 1 - Porque saiu da linha, foi despedido.

2 - Saindo da linha, foi despedido.

e)

1 - Depois que soube o resultado, alegrou-se.

2 - Sabido o resultado, alegrou-se.

147) (ITA-2001) Certos mitos são repetidos tantas e tantas vezes que muitos acabam se convencendo de que eles são de fato verdadeiros. Um desses casos é o que envolve a palavra “saudade”, que seria uma exclusividade mundial da língua portuguesa. Trata-se de uma grande e pretenciosa balela.

Todas as línguas do mundo exprimem com maior ou menor grau de complexidade todos os sentimentos humanos. E seria uma grande pretensão acreditar que o sentimento que batizamos de “saudade” seja exclusivo dos povos lusófonos.

Embora línguas que nos são mais familiares como o inglês e o francês tenham de recorrer a mais de uma expressão (seus equivalentes de “nostalgia” e “falta”) para exprimir o que chamamos de saudade em todas as circunstâncias, existem outros idiomas que o fazem de forma até mais sintética que o português.

Em uma de suas colunas semanais nesta Folha, o professor Josué Machado lembrou pelo menos dez equivalentes da palavra “saudade”. Os russos têm “tosca”; alemães, “Sehnsucht”; árabes, “shauck” e também “hanim”; armênios, “garod”; sérvios e croatas, “jal”; letões, “ilgas”; japoneses, “natsukashi”; macedônios, “nedôstatok”; e húngaros, “sóvárgás”.

Pode-se ainda acrescentar a essa lista o “desiderium” latino, o “póthos” dos antigos gregos e sabe-se lá quantas mais expressões equivalentes nas cerca de 6 mil línguas atualmente faladas no planeta ou nas 10 mil que já existiram.

Ora, se até os cães demonstram sentir saudades de seus donos quando ficam separados por um motivo qualquer, seria de um etnocentrismo digno de fazer inveja à Alemanha nazista acreditar que esse sentimento é próprio apenas aos que falam português.

Desde que o homem é homem, ou talvez mesmo antes, ele sente saudade; desde que aprendeu a falar aprendeu também, de uma forma ou de outra, a dizê-lo.

(Saudade. Folha de S. Paulo, 6/4/1996, adaptado.)

No trecho “existem outros idiomas que o fazem de forma até mais sintética que o português” (3º parágrafo), o termo “o”, em destaque, substitui

- uma oração indicativa de finalidade.
- uma oração indicativa de causa.
- uma oração indicativa de conseqüência.
- a oração antecedente.
- o sujeito da oração antecedente.

148) (ENEM-2004) Cidade grande
Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.

Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.
(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho “Montes Claros cresceu tanto,/ (...),/ que já tem cinco favelas”, a palavra *que* contribui para estabelecer uma relação de conseqüência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

- “Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco.”
- “No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu / chamava para o café.”
- “Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança.”
- “A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres.”
- “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos.”

149) (UNIFESP-2005) Considere as afirmações:



(Veja, 12.05.2004.)

- Os pronomes *sua* e *seu* referem-se ao receptor da mensagem, que pode ser uma pessoa do sexo masculino ou do sexo feminino.
- Se a conjunção *Quando* fosse substituída por *Se*, os verbos teriam outra flexão.

III. Embora possua classificação gramatical diferente da conjunção Quando, Se poderia configurar na propaganda, pois apresentaria a idéia de forma coerente.

IV. Num nível de linguagem bastante informal, a última frase poderia assumir a seguinte forma: “Facinho agradar sua mãe, né?”

Estão corretas somente as afirmações:

- a) I e II.
- b) II e IV.
- c) III e IV.
- d) I, II e III.
- e) I, III e IV.

150) (UFPB-2006) Considere as palavras destacadas nos versos abaixo, retirados do fragmento da *Carta 2*.

“Aquele, Doroteu, que não é Santo /Mas quer fingir-se Santo aos outros homens,” (versos 1 e 2)

“Mal se põe nas Igrejas, de joelhos, / Abre os braços em cruz, a terra beija,” (versos 5 e 6)

Quanto ao emprego de **mas** e **mal**, é correto afirmar que essas palavras

- a) estabelecem as mesmas relações de sentido expressas, respectivamente, por **todavia** e **antes que**.
- b) podem ser substituídas, sem alteração de sentido, respectivamente, por **contudo** e **assim que**.
- c) indicam, respectivamente, idéias de **oposição** e **modo**.
- d) modificam o sentido das formas verbais “quer fingir-se” e “se põe”, expressando, respectivamente, idéias de **adição** e **tempo**.
- e) introduzem, em ambos os versos, **circunstância de tempo**.

151) (FUVEST-2007) Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, Ensaíos.

A expressão sublinhada no trecho “...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, **muito embora** não sejam

nem boas nem úteis em si” pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

- a) desde que.
- b) contanto que.
- c) uma vez que.
- d) a não ser que.
- e) se bem que.

152) (PUC - SP-2007) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: “Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes.” Acerca da primeira oração desse trecho, é lingüisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de

- a) comparação.
- b) condição.
- c) conformidade.
- d) consequência.
- e) proporção.

153) (FATEC-2006) Enquanto um misto de tragédia e pantomima se desenrola aos nossos olhos atônitos, escrevo esta coluna meio ressabiada: como estará o Brasil quando ela for publicada, isto é, em dois dias? Estamos no meio de um vendaval desconcertante: numa mistura entre público e privado como nunca se viu, correntes inimagináveis de dinheiro sem origem ou destino declarados jorram sobre nós levando embora confiança, ética e ilusões.

O drama é que não somos arrastados por “forças ocultas” ou ventos inesperados. Devíamos ter sabido. Muitos sabiam e vários participaram - embora apontem o dedo uns para os outros feito meninos de colégio: “Foi ele, foi ele, eu não fiz nada, eu nem sabia de nada, ele fez muito pior”. Espetáculo deprimente, que desaloja de seu acomodamento até os mais crédulos.

Se mais bem informados, poderíamos ter optado diferentemente em várias eleições - mas nos entregamos a miragens sedutoras e idéias sem fundamento. Agimos como cidadãos assim como fazemos na vida: omissos por covardia ou fragilidade, por fugir da realidade que assume tantos disfarces. Deixamos de pegar nas mãos as rédeas da nossa condição de indivíduos ou de brasileiros, e isso pode não ter volta. Fica ali feito um fantasma pérfido: anos depois, salta da fresta, mostra a língua, faz careta, ri da nossa impotência. Não dá para voltar, nem sempre há como corrigir o que se fez de errado, ou que deixou de ser feito e causou graves mazelas.

(Lya Luft, É hora de agir. **Veja**, 27 de julho de 2005.)

Considere as orações em destaque e numeradas nos períodos abaixo.

Muitos sabiam e vários participaram - (I) embora apontem o dedo uns para os outros.

(II) Se mais bem informados, poderíamos ter optado diferentemente em várias eleições - (III) mas nos entregamos a miragens sedutoras e idéias sem fundamento.

Assinale a alternativa correta.

- a) A oração (I) expressa condição e tem equivalente adequado em - mesmo apontando o dedo uns para os outros.
- b) A oração (II) expressa modo e tem equivalente adequado em - a menos que fôssemos mais bem informados.
- c) A oração (III) expressa conseqüência e tem equivalente adequado em - entretanto nos entregamos a miragens sedutoras e idéias sem fundamento.
- d) As orações (I) e (III) são sintaticamente equivalentes, e as conjunções que as introduzem podem ser corretamente substituídas por desde que.
- e) As orações (II) e (III) expressam, respectivamente, condição e ressalva, e a (II) tem equivalente adequado em - caso fôssemos mais bem informados.

154) (ETEs-2007) Façamos as pazes com a Terra (fragmento)

“O chamado que nos é feito hoje para pormos fim à guerra contra a natureza é por uma solidariedade sem precedentes com as gerações futuras. Será que, para chegar a isso, a humanidade precisará selar um novo pacto, um “contrato natural” de co-desenvolvimento com o planeta, assinando um armistício com a natureza? Precisamos da sabedoria necessária para defender uma ética para o futuro, pois, se quisermos fazer as pazes com a Terra, essa ética terá que prevalecer. Este planeta é o nosso reflexo: se ele está ferido, nós estamos feridos; se ele está mutilado, a humanidade também está.”
(MATSUURA, Koïchiro. Façamos as pazes com a Terra. In: Folha de S. Paulo, 4 de jul. 2007.)

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus
/companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem
/grandes esperanças.

Entre eles, considero a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito,
/vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher,
/de uma história,

não direi os suspiros ao anoitecer,
/a paisagem vista da janela,

não distribuirei entorpecentes ou
/cartas de suicida,

não fugirei para as ilhas nem serei
/raptado por serafi ns.

O tempo é a minha matéria, o tempo
/presente, os homens presentes,
a vida presente.

(DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “Mãos dadas”. In: *Sentimento do Mundo*. Record.)

Assinale a alternativa em cujo verso a conjunção expressa oposição entre as idéias.

- a) “Também não cantarei o mundo futuro.”
- b) “Estou preso à vida e olho meus companheiros.”
- c) “Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.”
- d) “não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida”
- e) “não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.”

155) (PUC - RJ-2007) Feliz aniversário

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados - e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas com babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.

Tendo Zilda - a filha com quem a aniversariante morava - disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição ultrajada. “Vim para não deixar de vir”, dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.

Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como Zilda - a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante -, e como Zilda estava na cozinha a ultimar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta. E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.

LISPECTOR, Clarice. Laços de família. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, pp. 59-60.

a) “não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe”

As duas orações acima, embora estejam ligadas pela conjunção e, apresentam entre si a relação de causa e consequência. Atendendo aos comandos abaixo, reescreva essas orações, substituindo a conjunção por uma outra que deixe explícita tal relação de sentido.

(a) Mantenha a mesma ordem das orações.

(b) Faça a inversão da ordem das orações.

b) (i) E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.

(ii) Fazia um ano que o filho de Olaria não aparecia nas festas familiares.

Embora o verbo fazer tenha sido flexionado na 3ª. pessoa do singular nos dois períodos acima, a concordância se deu em cada um dos casos por razões distintas. Identifique-as.

156) (Fuvest-2004) Leia com atenção as seguintes frases, extraídas do termo de garantia de um produto para emagrecimento:

I) Esta garantia ficará automaticamente cancelada se o produto não for corretamente utilizado.

II) Não se aceitará a devolução do produto caso ele contenha menos de 60% de seu conteúdo.

III) As despesas de transporte ou quaisquer ônus decorrente do envio do produto para troca corre por conta do usuário.

a) Reescreva os trechos sublinhados nas frases I e II, substituindo as conjunções que os iniciam por outras equivalentes e fazendo as alterações necessárias.

b) Reescreva a frase III, fazendo as correções necessárias.

157) (FMTM-2003) Leia o texto, para responder à questão a seguir.

Cão reencontrado

As lembranças, a história e a lição de Veludo

Ivan Angelo

Era muitas vezes com lágrimas nos olhos que se aprendia a dar valor à amizade, ao caráter e ao amor. Exemplos melodramáticos não faltavam, e talvez por isso se tenham tornado marcantes.

Nunca pude me esquecer de um longo poema lido em aula pela professora, no 2º ano primário. Falava de um cão, feio mas dedicado, de que o dono procura se desfazer, afogando-o no mar. Lembro-me da forte emoção com que acompanhamos a leitura, e da minha atenção ao copiá-lo depois. Decorei-o inteiro, e declamava-o para outros meninos, provavelmente quando tinha por perto algum bolo de aniversário. Ao terminar a narrativa da tragédia de Veludo, havia olhos úmidos na pequena platéia.

Era esse o nome do cão: Veludo. *Magro, asqueroso, revoltante, imundo* - dizia o poema. Passaram-se os anos, e

restavam dele em minha memória os seis primeiros versos e uma lição de moral.

Aquele cachorro incomodava o dono. Deu-o à mulher de um carvoeiro. Respirou aliviado por não ser mais de dar um osso diariamente *a um bicho vil, a um feio cão imundo*. Porém à noite alguém bateu à porta: *Era Veludo*. Lambeu as mãos do narrador, farejou a casa satisfeito e foi dormir *junto do meu leito*. Para se livrar dele, resolveu matá-lo.

Numa noite, em que *zunia a asa fúnebre dos ventos*, levou Veludo para o mar, de barco. Longe da costa, ergueu o cão nos braços e atirou-o ao mar. Deixou-o lá, voltou a terra, entrou em casa e, ao tirar o manto, notou - *oh grande dor!*

- que havia perdido na operação o cordão de prata com o retrato da mãe. Concluiu, com rancor, que a culpa era do cão: *Foi esse cão imundo / A causa do meu mal!* E completou: se duas vidas o animal tivesse, duas vidas lhe arrancaria.

Nesse momento, ouviu uivos à porta. *Era Veludo!*

(Arrepiado, leitor?) O cão arfava. Estendeu-se a seus pés e *docemente / Deixou cair da boca que espumava / A medalha suspensa da corrente.*

Sacudiu-o, chamou-o. *Estava morto.*

Aprendiam-se dramaticamente os valores da vida.

(Veja São Paulo, Adaptado)

Aquele cachorro incomodava o dono. Deu-o à mulher de um carvoeiro.

Assinale a alternativa na qual se expressa corretamente a relação de sentido entre as orações do período acima.

a) Aquele cachorro incomodava o dono, senão deu-o à mulher de um carvoeiro.

b) Assim como aquele cachorro incomodava o dono, deu-o à mulher de um carvoeiro.

c) Embora aquele cachorro incomodasse o dono, deu-o à mulher de um carvoeiro.

d) Aquele cachorro incomodava o dono, no entanto deu-o à mulher de um carvoeiro.

e) Como aquele cachorro o incomodava, o dono deu-o à mulher de um carvoeiro.

158) (FEI-1997) LEMBRANÇA DE MORRER
(Fragmento)

Eu deixo a vida como deixa o tédio

Do deserto, o poento caminheiro

- Como as horas de um longo pesadelo

Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Como o desterro de minh' alma errante,

Onde fogo insensato a consumia:

Só levo uma saudade - é desses tempos

Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade - é dessas sombras

Que eu sentia velar nas noites minhas...

De ti, ó minha mãe, pobre coitada

Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai!... de meus únicos amigos,
Poucos - bem poucos - e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidaram.

Observe os dois primeiros versos do poema: "Eu deixo a vida COMO DEIXA O TÉDIO / DO DESERTO, O POENTO CAMINHEIRO".

A oração destacada é:

- a) oração subordinada substantiva subjetiva.
- b) oração subordinada adjetiva restritiva.
- c) oração subordinada adverbial comparativa.
- d) oração coordenada sindética explicativa.
- e) oração principal.

159) (UFMG-2005) NÃO SABEMOS O QUE COMEMOS

A introdução, entre os alimentos do homem ou de animais de criação, de organismos geneticamente modificados ou produtos que contêm tais organismos vem gerando questionamentos em relação a vários aspectos. Do ponto de vista cultural, essa alteração vem acentuar um problema: o mal-estar da alimentação, causado pela perda do controle sobre o que comemos e pela sensação de artificialidade no alimento. Os alimentos transgênicos, ou seja, que contêm produtos ou subprodutos de organismos geneticamente modificados, constituem uma das mais recentes alterações introduzidas na alimentação. As empresas de biotecnologia ampliaram seu controle do mercado da alimentação humana animal por meio da invenção de novos organismos vivos, plantas e/ou animais - produtos artificiais da combinação de genes de espécies distintas. A tecnologia de manipulação genética de espécies animais e vegetais para fins industriais, medicinais ou alimentares certamente pode ter usos adequados, com uma potencialidade imensa ainda desconhecida. No entanto o uso atual dos transgênicos na agricultura tem trazido a marca de uma expansão precipitada, levando ao temor global de uma decomposição ainda maior na qualidade da alimentação humana. As conseqüências da disseminação de produtos transgênicos no mercado têm várias dimensões. Do ponto de vista histórico, a maior transformação na forma como a humanidade se alimenta ocorreu na revolução neolítica, quando surgiu a agricultura. Desde então, as técnicas agrícolas, em especial o saber dos agricultores sobre as sementes e a forma de selecionar as melhores para o replantio, estiveram na base da produção de alimentos. A segunda maior transformação, produto do intercâmbio moderno de gêneros entre os continentes, seguido da industrialização, permitiu uma globalização do saber arcaico sobre a domesticação das plantas alimentícias, levando as especiarias e várias espécies vegetais a tornarem-se peças-chaves no mercado mundial moderno. Atualmente, a adoção de sementes transgênicas que geram plantas com grãos infecundos ameaça a autonomia dos produtores agrícolas sobre as sementes, tornando-os inteiramente

dependentes de grandes fornecedores de fertilizantes, agrotóxicos e das próprias sementes. O direito de propriedade estende-se a organismos vivos, mercantilizando a vida. Essa agricultura subordinada a empresas transnacionais de *agrobusiness* expropria os saberes etnobotânicos e etnoagrícolas, destrói os pequenos produtores, inviabiliza a reforma agrária, interfere no equilíbrio ecológico e concentra a renda. A produtividade agrícola ampliada, nas condições da competitividade do mercado oligopolizado, vem levando a um fenômeno paradoxal: mais agricultura para animais do que para seres humanos. Como já ocorreu com o milho, a pressão pelo aumento da produção de soja decorre principalmente da sua utilização em ração para gado de corte. Esse modelo alimentar de carne produzida cada vez em maior quantidade e a um custo sempre reduzido provocou desastres na indústria alimentar. Confinamento, abuso de hormônios e antibióticos e, no caso específico da vaca louca, rações com restos de animais para herbívoros criaram a pior doença veterinária do final do século 20, obrigando os pecuaristas a abater rebanhos inteiros. Os organismos geneticamente manipulados, usados na indústria alimentar, trazem questionamentos quanto à plena segurança, à contaminação e à diminuição da diversidade genética e ainda em relação à intensificação da dependência econômica dos países pobres diante de empresas transnacionais que, ao obter patentes biológicas, ampliaram o âmbito da propriedade privada. Do ponto de vista cultural, há outro aspecto menos evidenciado. Os transgênicos reforçam uma alimentação e uma cultura alimentar mais heteronômica. Sabe-se e controla-se cada vez menos o que se está comendo. A sombria previsão da ficção de que pílulas substituiriam a comida ainda não aconteceu. Embora haja uso crescente de pílulas de vitaminas ou suplementos alimentares, estas não se tornaram a forma predominante de se alimentar, mas a natureza sintética do que comemos torna-se cada vez mais dominante. A industrialização produziu um resultado ambíguo, ampliando as capacidades de produção e tornando global o intercâmbio de produtos, mas retirou a autonomia que as sociedades agrárias tinham para produzir e identificar o alimento na sua gênese. O que ocorre com os transgênicos não é apenas a artificialidade química, mas também a biológica. Os híbridos produzidos remetem a velhos pesadelos do imaginário contemporâneo sobre os riscos da ciência. Isso evidencia apenas um aspecto da importância crescente do "biopoder". A engenharia genética poderá criar espécies de plantas e animais. Resta saber se as diferenças genéticas entre as populações humanas não podem intensificar-se e ser manipuladas para fins de suposta eugenia e predomínio racial, para não falarmos da criação de seres híbridos, com resultados imprevisíveis na biosfera.

CARNEIRO, H. S. Não sabemos o que comemos. *Ciência Hoje*, v. 34, n. 203, abr. 2004. p. 40-42. (Texto adaptado)

Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente interpretado entre colchetes, EXCETO em

a) A industrialização produziu um resultado ambíguo, **ampliando** as capacidades de produção... (linhas 64-65) = [POIS AMPLIOU]

b) Atualmente, a adoção de sementes transgênicas [...] ameaça a autonomia dos produtores [...], **tornando-os** inteiramente dependentes de grandes fornecedores de fertilizantes... (linhas 30-33) =[PORQUE os TORNA]

c) Confinamento, abuso de hormônios e antibióticos [...] criaram a pior doença veterinária do final do século 20, **obrigando** os pecuaristas a abater rebanhos inteiros. (linhas 46-49) = [PORQUE OBRIGOU]

d) No entanto o uso atual dos transgênicos na agricultura tem trazido a marca de uma expansão precipitada, **levando** ao temor global... (linhas 15-17) = [QUE LEVA]

160) (Mack-2004) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Assinale a alternativa em que a palavra “como” assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

- a) Como você conseguiu chegar até aqui?
- b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
- c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
- d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
- e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

161) (PUC-SP-1997) No trecho, "Se Leonardo se afligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o aparecimento e com as disposições de José Manuel, o padrinho não se incomodava menos com isso..." a última oração funciona como um argumento em relação à primeira. Esse argumento indica:

- a) causa em relação à primeira oração, apresentando uma hipótese diante da idéia proposta.
- b) condição em relação à primeira oração, apresentando uma hipótese diante da idéia proposta.
- c) fim em relação à primeira oração, mostrando a finalidade da idéia proposta.
- d) oposição em relação à primeira oração, invertendo a idéia proposta.

e) acréscimo em relação à primeira oração, reforçando a idéia proposta.

162) (Mack-2007) Nós já investimos mais de 100 milhões de dólares em pesquisas sobre o eucalipto. Você não acha que a nossa opinião deve valer alguma coisa? Quase 40 anos e mais de 100 milhões de dólares em pesquisas depois, podemos afirmar que entendemos um bocado desse negócio chamado eucalipto. E que conhecemos em detalhes cada etapa do seu cultivo e as conseqüências que ele traz para a biodiversidade e para a economia. E nossas pesquisas nos levam a conclusões parecidas com as de muitos outros estudiosos. Muitos deles dizem que o eucalipto deixa o solo muito seco. Mas a pesquisa científica mostra que a quantidade de água consumida pelo eucalipto não é diferente da consumida por qualquer outra árvore de floresta nativa, desde que adotadas as técnicas corretas de cultivo. Outros dizem que o eucalipto prejudica a biodiversidade. Nossa experiência mostra que as florestas de eucalipto formam corredores que interligam as áreas de vegetação nativa, além de criar novos ambientes para a fauna. Algumas espécies buscam esses bosques para abrigo, alimentação e reprodução. E, se o eucalipto não faz mal ao nosso solo, ele faz muito bem à nossa terra. A Aracruz Celulose é uma das maiores empresas brasileiras e exporta celulose para diversos países, favorecendo a balança comercial, gerando riquezas através de impostos e criando milhares de empregos diretos e indiretos.

Propaganda veiculada em agosto de 2006

Assinale a alternativa correta.

- a) A substituição de que ele traz (linha 07) por “trazidas por ele” altera o sentido do texto.
- b) desde que adotadas as técnicas corretas de cultivo (linha 13) demarca uma restrição à idéia anteriormente defendida.
- c) Os gerúndios favorecendo (linha 21) , gerando e criando (linha 22) poderiam ser substituídos por “quando favorecem”, “quando geram” e “quando criam”, uma vez que expressam circunstância temporal.
- d) A expressão além de (linha 16) é empregada com o sentido de “a não ser, exceto”, como em “Que faz o senhor além desses gracejos impertinentes?”.
- e) Em bosques para abrigo (linha 17), a preposição poderia ser substituída por “de”, como acontece com “óleo para bronzeamento” e “óleo de bronzeamento”.

163) (FGV-2001) Nos períodos abaixo, estão sublinhadas quatro orações subordinadas, na forma reduzida.

Sendo o agregado homem de poucas palavras, entrou ele mudo e saiu calado.

Acabada a missa, o gerente do banco retornou a seu trabalho.

Conhecendo melhor a jovem, não teria recomendado para o cargo.

Mesmo chorando a menina, seus lábios se abriram em amplo sorriso.

Assinale a alternativa que, na ordem, corresponda ao sentido das orações sublinhadas.

- a) Embora o agregado fosse... / Depois que... / Porque conhecia... / Porque chorava...
- b) Se o agregado fosse... / Porque a missa tinha acabado... / Embora conhecesse... / Embora chorasse...
- c) Porque o agregado era... / Quando a missa acabou... / Ainda que conhecesse... / Se chorasse...
- d) À medida que... / Quando a missa acabou... / Embora conhecesse... / Ainda que chorasse...
- e) Como o agregado era... / Logo que a missa acabou... / Se conhecesse... / Embora chorasse...

164) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta “mais uma vez” porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que “o tempo não pára”. É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Entre as frases “Cazuza mordeu a vida com todos os dentes” e “A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver” estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de

- a) desde que.
- b) tanto assim que.
- c) uma vez que.
- d) à medida que.
- e) apesar de que.

165) (Mack-2001) O pranto da moça redobrou tanto que senti meus olhos molhados e fugi.

Assinale a alternativa cujo período tem sentido equivalente ao acima transcrito.

- a) Quis fugir porque senti meus olhos molhados ao ver a moça chorar.
- b) Ao fugir, sentindo meus olhos molhados, o pranto da moça redobrou.
- c) O pranto da moça aumentou muito: senti meus olhos molhados e fugi.
- d) Quando senti que o pranto da moça poderia aumentar, fugi com os olhos molhados.
- e) Embora o pranto da moça aumentasse, fugi, ao sentir meus olhos molhados.

166) (UFV-2005) O texto abaixo apresenta um problema associado à coesão textual afetando também a coerência textual:

O computador vem assumindo um papel cada vez mais importante na educação. Apesar de incluir enciclopédias em CD-rom, possui jogos que educam e divertem.

- a) Identifique o problema de coesão textual.
- b) Reescreva o texto acima, de modo a torná-lo coerente e coeso.

167) (Mack-2004) O trovador

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras ...

As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal ...
Intermitentemente ...

Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo ...

Cantabona! Cantabona!

Dlorom ...

Sou um tupi tangendo um alaúde!

Mário de Andrade

Obs.: alaúde - instrumento de cordas, com larga difusão na Europa, da Idade Média ao Barroco.

Assinale a afirmativa correta.

- a) As palavras alaúde e “túnel” recebem acento gráfico pela mesma razão.
- b) Nas palavras trovador e asperamente, observa-se processo de derivação sufixal.
- c) No último verso, tangendo um alaúde equivale a uma oração adverbial condicional se tange um alaúde.

- d) As reticências usadas no texto têm a função de evidenciar o tom irônico do poema.
e) Em arlequinal e “cafezal”, o sufixo “al” tem o mesmo sentido.

168) (Fuvest-2000) Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. (*Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas, capítulo primeiro*)

No texto, o particípio suposto expressa uma idéia de

- a) causa.
b) finalidade.
c) tempo.
d) concessão.
e) conformidade.

169) (FGV-2004) Observe o seguinte fragmento:

“Ou porque a sua dor era tão grande que lhe podia exprimir o amor em lágrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.” O que significa **mesmo** nesse fragmento? Justifique sua resposta.

170) (FGV-2002) Observe os períodos abaixo e escolha a alternativa correta em relação à idéia expressa, respectivamente, pelas conjunções ou locuções SEM QUE, POR MAIS QUE, COMO, CONQUANTO, PARA QUE.

1. Sem que respeites pai e mãe, não serás feliz.
2. Por mais que corresse, não chegou a tempo.
3. Como não tivesse certeza, preferiu não responder.
4. Conquanto a enchente lhe ameaçasse a vida, Gertrudes negou-se a abandonar a casa.
5. Mandamos colocar grades em todas as janelas para que as crianças tivessem mais segurança.

- a) Condição, concessão, causa, concessão, finalidade.
b) Concessão, causa, concessão, finalidade, condição.
c) Causa, concessão, finalidade, condição, concessão.
d) Condição, finalidade, condição, concessão, causa.
e) Finalidade, condição, concessão, causa, concessão.

171) (FGV-2003) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas. Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação. Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma. Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

- a) Causa, causa, conseqüência.
b) Tempo, causa, finalidade.
c) Conseqüência, concessão, finalidade.
d) Tempo, causa, condição.
e) Condição, finalidade, tempo.

172) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.

DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO BRAÇO, e parecia em êxtase.

- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, lembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

A oração " posto contivesse a alegria " indica:

- a) conformidade.
b) causa.
c) proporção.
d) condição.
e) concessão.

173) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.

Fialho de Almeida

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, porque não escolheremos nós o travesti do último?.

A análise que se faz está correta, exceto:

- a) tempo (sujeito).
- b) os homens (objeto direto).
- c) nós (sujeito).
- d) travesti (objeto indireto).
- e) o (travesti) adnominal.

174) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:

Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!

Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.

Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os

sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.

(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais. A locução *ainda que* e o advérbio *muito* estabelecem, nesse enunciado, relações de sentido, respectivamente, de

- a) restrição e quantidade.
- b) causa e modo.
- c) tempo e meio.
- d) concessão e intensidade.
- e) condição e especificação.

175) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma consequência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.

Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal "discriminação positiva". Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

O enunciado *Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade institucionalizando o questionável conceito de raça* conservará o mesmo sentido se for assim reescrito:

a) Quando adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaremos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.

b) Caso adotássemos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.

c) Se adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaremos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.

d) Porquanto adotássemos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.

176) (Cesgranrio-1997) Quando estou, quando estou apaixonado
tão fora de mim eu vivo
que nem sei se vivo ou morto
quando estou apaixonado.

Não pode a fera comigo
quando estou, quando estou apaixonado,
mas me derrota a formiga
se é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado
neste arco de danação?
Ou é a morta paixão
que me deixa, que me deixa neste estado?

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a opção em que se encontra exemplo de elipse.

- a) "tão fora de mim eu vivo" (v.2)
- b) "que nem sei se vivo ou morto" (v.3)
- c) "Não pode a fera comigo" (v.5)
- d) "mas me derrota a formiga" (v.7)
- e) "Ou é a morta paixão" (v.11)

177) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construía especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócô-có malicioso. O ingrato.

(João Alphonsus - *Galinha Cega*. Em MORICONI, Italo, *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Observe o período abaixo:

Ele fala mais / do que eu (falo).

Entre as duas orações sublinhadas, há uma relação de comparação.

Agora observe o período seguinte:

“As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a mão calosa.”

Nesse período, qual a relação estabelecida entre, de um lado, de violentas e, de outro, faziam doer a mão calosa?

178) (IBMEC-2006) Sapos, desculpas e proxenetas

Do “vão ter que me engolir” à cafetina Jane:

fecundos capítulos da novela do mensalão (fragmento)

Em Zagallo já era feio. O então técnico da seleção tinha o rosto transtornado de fúria, a voz cheia de rancor, e encarava a câmera de TV com ganas de pit bull ferido, quando despejou sua famosa frase: “VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR!”. No presidente da República fica muito pior. O “eles vão ter que engolir” destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil. Lembra o “Me esqueçam” do general João Figueiredo quando, em sua última entrevista como presidente, o jornalista Alexandre Garcia lhe perguntou que palavras gostaria de endereçar naquele momento ao povo brasileiro. Com a ameaça de adentrar goela abaixo de uma parcela de brasileiros, o “Lulinha paz e amor” dava abrupta marcha a ré em direção aos tempos espinhudos do sapo barbudo.

O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos. Um dia diz que “ninguém tem mais moral e ética” do que ele, no outro que a “elite brasileira” não vai fazê-lo baixar a cabeça. Por duas vezes, bateu na tecla de que, se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados, deve-se, também, absolver os inocentes e pedir-lhes desculpas. “Que pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente”, disse, no mesmo discurso do “vão ter que me engolir”. É nessa hora que eleva o tom de voz e embica num fraseado compassado, sinal para a claque dos comícios de que é hora de aplaudir. Fica a impressão de que a pregação que veio antes, de punição aos culpados, foi, além de obrigatório tributo à obviedade, mero contraponto ao apelo à absolvição, o ponto que realmente interessa ao presidente. “Vamos inocentar!”, isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.

(TOLEDO, Roberto Pompeu de. Revista Veja. *Ensaio*. São Paulo. Editora Abril. Ano 38, Nº- 32, 10 de agosto de 2005. p.142)

Tem-se oração subordinada adverbial condicional em:

a) “... se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados...”

b) “... quando despejou sua famosa frase...”

c) “Fica a impressão de que a pregação que veio antes...”

d) “O ‘eles vão ter que engolir’ destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil.”

e) “... isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.”

179) (UFPR-2002) Segundo o dicionário Aurélio, *círculo vicioso* é a “demonstração ou definição de A por meio de B que, por sua vez, só se pode demonstrar por meio de A”. Uma conhecida campanha publicitária usou como mote uma pergunta cuja resposta tem a forma de um círculo vicioso: “Tostines vende mais porque é fresquinho e é fresquinho porque vende mais.”

Mylton Severiano, em várias edições da revista *Caros Amigos*, inclui na sua coluna *Enfermaria* a seção *Tostines*, com perguntas que podem ter respostas análogas à da propaganda da bolacha. Entre as alternativas abaixo, adaptadas da coluna de Severiano, tem-se um círculo vicioso em:

() Você ouve música triste porque se sente deprimido e porque ouve música triste se sente deprimido.

() As pessoas não se interessam por política porque esta é corrupta e há um desinteresse das pessoas pela política por causa da corrupção.

() Quanto mais poder tem o “coronel”, mais miserável seu povo, e quanto mais miserável o povo, mais poder tem o “coronel”.

() Você não ousa porque a situação está difícil e, porque a situação não está fácil, você não age com ousadia.

() Fugimos do perigo porque sentimos medo e, porque sentimos medo, fugimos do perigo.

() É preciso arrumar um novo amor para sentir-se jovem, e para arrumar um novo amor é preciso sentir-se jovem.

180) (Fuvest-2001) Só os roçados da morte compensam aqui cultivar, e cultivá-los é fácil:

simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

(João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*)

Substituindo-se os dois-pontos por uma conjunção, em “(...) pela colheita: recebe-se (...)”, mantém-se o sentido do texto APENAS em “(...) pela colheita,

- a) embora se receba (...)”..
- b) ou se recebe (...)”.
- c) ainda que se receba (...)”.
- d) já que se recebe (...)”
- e) portanto se recebe (...)”.

181) (Mack-2002) Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.
Camões

No verso *Que em vivo ardor tremendo estou de frio* NÃO ocorre:

- a) paradoxo.
- b) ordem inversa dos termos na oração.
- c) relação de conseqüência com a oração anterior.
- d) emprego de verbo no gerúndio.
- e) equivalência sintática entre *de frio* e “poema de *Camões*”.

182) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o

isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.

Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação. Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígine australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser

fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo*, 1º de abril de 2006.

Observe o fragmento abaixo.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. **Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.**

O período em destaque poderia ser introduzido pelas expressões apresentadas abaixo, sem alteração de sentido,

EXCETO:

- a) Além disso
- b) Por isso
- c) Por essa razão
- d) Em virtude disso

183) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do

inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de homínídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação. Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa

espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígine australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo*, 1º de abril de 2006.

Observe o período abaixo.

...só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas **quando** descendem de populações isoladas... (linhas 52-54)

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que a substituição do termo em destaque mantém a mesma relação de sentido entre as proposições.

- a) porque
- b) se
- c) pois
- d) posto que

184) (Cesgranrio-1997) Tomava café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

- Vou já, respondeu este. E acrescentou para

Botelho: - São eles!

- Deve ser, confirmou o velho.

E desceram logo.

- Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele: os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

- Está aqui com efeito... disse afinal o negociante.

Pensei que fosse livre...

- É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

- Mas imediatamente.

- Onde está ela?

- Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sinal aos dois urbanos que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

Seu primeiro impulso foi o de fugir. Mal, porém circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

- É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Aluísio de Azevedo" O Cortiço"

Depreende-se do trecho "não tendo coragem" idéia de:

- a) causa.
- b) consequência.
- c) finalidade.

- d) concessão.
- e) explicação.

185) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.

- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
 - Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.

E assim fez.

Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.

Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.

Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:

- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte! A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...

(Monteiro Lobato. *Fábulas e Histórias Diversas*)

No texto, encontramos o seguinte período: “ - Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?” Nesse período, teria sido possível escrever **Por que** em vez de **Para que**. Isso teria provocado sentido diferente à frase? Explique.



186) (FVG - SP-2007)

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica.

A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do

lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake* sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.

Adélia Prado disse: "Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra".

Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.

(Rubem Alves. *A complicada arte de ver. Folha de S.Paulo*, 26.10.2004)

* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês.

Autor dos livros de poemas *Song of Innocence e Gates of Paradise*.

Assinale a alternativa em que as vírgulas estão sendo usadas pela mesma razão que são empregadas no trecho: *Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente.*

- a) Se entramos em conflito, lutamos contra nossa consciência.
- b) O pródigo pode lastimado, mas o avarento é quase sempre aborrecido.
- c) A modéstia doura os talentos, a vaidade os deslustra.
- d) Os grandes e os sábios sorriem, os pequenos e os néscios gargalham.
- e) O velho calcula muito, executa pouco: a mocidade é mais executiva que deliberativa.

GABARITO

- 1) Alternativa: B
- 2) Alternativa: C
- 3) Alternativa: E
- 4) Alternativa: D
- 5) Resposta: 13
01-V
02-F
04-V
08-V
16-F
32-F
64-F
- 6) Alternativa: E
- 7) Alternativa: C
- 8) Alternativa: B
- 9) Alternativa: E
- 10) Alternativa: C
- 11) Alternativa: C
- 12) Alternativa: D
- 13) Alternativa: A
- 14) a) forma (funciona com Predicativo do Sujeito)
b) O naturalismo é a forma científica que toma a arte. A república é a forma política que toma a democracia. O positivismo é a forma experimental que toma a filosofia.
- 15) Alternativa: B
- 16) Alternativa: B
- 17) Alternativa: E
- 18) Alternativa: D
- 19) Alternativa: D
- 20) Alternativa: C
- 21) Alternativa: C
- 22) Alternativa: E
- 23) Alternativa: C
- 24) Alternativa: D
- 25) Alternativa: D
- 26) Divinas - adjunto adnominal
Olhar - objeto indireto
Preconceitos - complemento nominal
- 27) Alternativa: A
- 28) Alternativa: A
- 29) a) A palavra “ora” empregada no texto funciona como conjunção coordenativa alternativa; já “hora” é um substantivo cuja referência é um segmento de tempo, equivalente a 60 minutos.
b) No último parágrafo é também empregada uma conjunção coordenativa alternativa: “Ou porque a sua dor era tão grande... , ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido...”
- 30) Alternativa: A
- 31) Alternativa: A
- 32) Alternativa: A
- 33) Alternativa: A
- 34) Alternativa: A
- 35) Alternativa: A
- 36) Alternativa: B
- 37) Alternativa: D
Trata-se de questão mal formulada. Indiscutivelmente, a primeira oração estabelece relação de adição, mas a segunda tem valor explicativo e não causal.
- 38) Alternativa: D
- 39) Alternativa: B
- 40) Alternativa: B
- 41) Mas está sendo usado para estabelecer uma relação de adição enfática. Note que no texto está subentendida a palavra também: Camilo, não só o estava, mas (também) via-a estremecer....
- 42) Alternativa: A

43) Alternativa: B

44) Tipo de relação: conclusão.

Duas dentre as conjunções:

- logo
- então
- portanto

45) A seqüência de espaços e tempos – antes e depois de assistir ao filme, dentro (1º e 2º períodos) e fora do cinema (do 3º ao 5º período) – manifesta-se na predominância de estruturas coordenadas, justapostas, sempre no passado, numa seqüência rápida de ações (rosnou, passou as narinas pelas mangas, levantou-se, assistiu ao filme), e com rupturas (aquele homem meio estrábico [...], aquele homem, sim, [...]). Esses elementos sintáticos são alguns dos recursos que procuram reproduzir, na escrita, a linguagem cinematográfica.

46) Alternativa: A

PERCENTUAIS DE RESPOSTA NO EXAME

A	B	C	D	E
12	46	19	14	9

Esta questão apresenta, para leitura e análise, o poema “O mundo é grande”, onde os recursos lingüísticos expressivos utilizados geram um efeito de oposição entre as idéias.

A análise sintático-semântica é necessária para a compreensão do valor de oposição assumido pela conjunção “e”: imagens justapostas estão relacionadas, contrapondo-se em planos diferentes. Um percentual significativo (46%) de participantes considerou que o valor da conjunção “e”, nesse poema, é de comparação, o que não reflete o sentido estilístico proposto pelo poeta, mas corresponde apenas à primeira operação que se realiza para estabelecer o sentido de oposição. De maneira análoga, pode-se analisar os equívocos daqueles que optaram pelas alternativas C e D.

Fonte: relatório pedagógico ENEM 2001

47) Alternativa: C

48) a) O discurso falado tem como características principais a presença de interlocutores e um único espaço e tempo. Como marcas dessas características, temos a primeira pessoa do plural, *nós*, que marca tanto o emissor quanto o interlocutor e a seqüência de perguntas, com o efeito de introduzir o interlocutor de alguma forma no diálogo. Os pronomes *esta* e *aquela*, cujos referenciais só podem ser obtidos no momento da fala, também são indícios fortes do discurso oral.

b) Dinamicidade. O período é marcado pela coordenação, que cria um efeito dinâmico, de sucessão de ações.

49) A oração coordenada sindética adversativa é a que começa com a conjunção *mas*. Esse tipo de oração, segundo o uso comum, deve ser separado da anterior por meio de uma vírgula. Tem-se, então:

Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar, mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco.

50) Alternativa: A

51) Alternativa: A

52) A palavra “mas” está estabelecendo uma relação de oposição entre a oração que introduz e o período anterior. Assim, o trecho a que se associa é “Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de costume”.

Observação: Há uma impropriedade no emprego da palavra “retoma”, usualmente utilizada para caracterizar o processo de coesão por elemento anafórico.

53) A frase está apenas aparentemente solta. Na verdade ela adiciona um outro complemento ao verbo *ter*, da oração anterior, ou seja, a galinha tinha liberdade e milho. Vale salientar, ainda, que milho, neste contexto, deve ser interpretado como metonímia de alimento.

54) Alternativa: B

55) Alternativa: B

56) Alternativa: E

57) Alternativa: A

58) Alternativa: C

59) Alternativa: A

60) Alternativa: E

61) Resposta: 24

01-F

02-F

04-F

08-V

16-V

32-F

64-F

62) Alternativa: B

63) Alternativa: B

- 64) Alternativa: A
- 65) Alternativa: B
- 66) Alternativa: A
- 67) Alternativa: E
- 68) Alternativa: B
- 69) Alternativa: A
- 70) Alternativa: C
- 71) Alternativa: D
- 72) a): Ainda que não se veja, Embora não se veja, Mesmo que não se veja, Conquanto não se veja.
b) Viram deve ser substituído por um verbo de ligação: tornam-se, ficam, etc.
- 73) Alternativa: A
- 74) Alternativa: D
- 75) Alternativa: D
- 76) Alternativa: A
- 77) Alternativa: C
- 78) Alternativa: B
- 79) Porque dá a idéia de causalidade e portanto tem sentido conclusivo.
- 80) Alternativa: E
- 81) Alternativa: E
- 82) Alternativa: D
- 83) Alternativa: E
- 84) Alternativa: E
- 85) Alternativa: D
- 86) Alternativa: D
- 87) Alternativa: E
- 88) Alternativa: A
- 89) Alternativa: A
- 90) Alternativa: D
- 91) Alternativa: B
- 92) Alternativa: A
- 93) Alternativa: D
- 94) Alternativa: A
- 95) Alternativa: A
- 96) Alternativa: E
- 97) a) “numa boa”
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.
- 98) Alternativa: C
- 99) Alternativa: C
- 100) Alternativa: E
- 101) a) "Os meninos de rua, que procuram trabalho, são repelidos pela população."
b) a oração entre vírgulas explica a respeito dos meninos de rua, tal como um aposto.
- 102) Alternativa: C
- 103) Alternativa: E
- 104) A oração isolada por vírgulas, “que sempre o seguia”, é subordinada adjetiva explicativa.
- 105) Alternativa: D
- 106) a) As duas orações adjetivas do período do texto de Raimundo Correia são:
• “(...) que nunca viu (...)” e “(...) a que nunca foi.”
Já os sintagmas nominais a que se integram são respectivamente:
• “(...) um Partenon de Atenas (...)” e “(...) os costumes de um Japão (...)”
b) Os termos estão em destacados.
Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que o poeta nunca viu; outro poeta canta os costumes de um Japão a que o poeta nunca foi.
- 107) Alternativa: C

108) Alternativa: C	V
	F
109) Alternativa: B	122) Alternativa: C
110) Alternativa: C	123) Alternativa: E
111) que viu ou que tenta	124)
112) Alternativa: C	125) Alternativa: A
113) A	126) Alternativa: B
114) Alternativa: C	127) Alternativa: B
115) Alternativa: B	128) Alternativa: B
116) a) Certamente. Sem a vírgula, a oração "que pagam impostos" é adjetiva restritiva, ou seja, apenas alguns ricos brasileiros pagam impostos. Caso seja colocada a vírgula, a oração passaria a ser adjetiva explicativa, ou seja, todos os ricos brasileiros passariam a pagar impostos.	129) Alternativa: A
b) As vírgulas são obrigatórias, uma vez que se trata de uma oração intercalada (entre o sujeito e o seu verbo). A expressão "quem diria" expressa a surpresa de entre os ricos brasileiros haver um funcionário público. Essa surpresa pode ser motivada pela crença de que funcionário público ganha pouco ou pela indignação diante da descoberta de mais um 'marajá'.	130) Alternativa: B
	131) Alternativa: E
	132) a) Subordinadas adverbiais temporais. Simultaneidade.
	b) Trecho 1. Há contraste entre a impaciência do automóvel e a lentidão dos cavalos.
117) Alternativa: A	133) Alternativa: D
118) Alternativa: A	134) Alternativa: A
119) a) A palavra amanhã funciona como Adjunto Adverbial. Como é uma palavra pequena e vem intercalada na oração, há duas possibilidades de pontuação: - isolando a palavra amanhã , com uma vírgula antes e outra depois; - eliminando-se a vírgula após amanhã , para que se evite a separação de termos essenciais da oração (verbo <i>assistir</i> e seu complemento <i>revista eletrônica</i>).	135) Alternativa: A
	136) Alternativa: A
b) Sem a vírgula, imagina-se a existência de vários tipos de "revista eletrônica feminina", pois a oração <i>que é a referência do gênero na TV</i> torna-se uma oração subordinada adjetiva restritiva ; com a vírgula, imagina-se só haver um tipo de "revista eletrônica feminina", pois a oração <i>que é a referência do gênero na TV</i> passa a ser oração subordinada adjetiva explicativa .	137) Alternativa: C
	138) Alternativa: A
120) Alternativa: D	139) Alternativa: C
121) F	140) Alternativa: D
F	141) Alternativa: C
V	142) a) Há várias possibilidades. Entre elas: Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô- las em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar- lhes melhor o peso, à luz do princípio geral que as vem regendo. -Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô- las em confronto com
V	

outras menos polêmicas seria avaliar melhor o **seu** peso, à luz do princípio geral que vem regendo-as.

- Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-las em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **delas**, à luz do princípio geral que vem regendo **a elas**.

É evidente que também seriam possíveis combinações das formas acima.

b) Há várias formas, entre elas:

Quando se discutiram as idéias expostas na assembléia,...

Assim que se discutiram as idéias expostas na assembléia,...

Logo que se discutiram as idéias expostas na assembléia,...

143) “Se todos os freqüentadores dos cinemas fossem casais de namorados”.

144) Alternativa: C

145) Alternativa: D

146) Alternativa: B

147) Alternativa: A

148) Alternativa: D

149) Alternativa: E

150) Alternativa: B

151) Alternativa: E

152) Alternativa: B

153) Alternativa: E

154) Alternativa: C

155) a) – (a) não sabiam bem que atitude tomar, logo (portanto, por isso) ficaram de pé ao lado da mãe
(b) ficaram de pé ao lado da mãe porque (pois, já que) não sabiam bem que atitude tomar

b) – Na primeira frase, o verbo fazer concorda com o referente do pronome relativo que (a aniversariante), exercendo o pronome a função de sujeito do verbo fazer. Na segunda, o verbo fazer indica tempo e não apresenta sujeito; é um verbo impessoal, o que implica seu emprego na 3ª. pessoa do singular.

156) a) I - ... caso o produto não seja corretamente utilizado.

II - ... se ele contiver menos de 60% de seu conteúdo.

b) “As despesas de transporte ou quaisquer ônus **decorrentes** do envio do produto para troca **correm** por conta do usuário.”

157) Alternativa: A

158) Alternativa: C

159) Alternativa: C

160) Alternativa: D

161) Alternativa: E

162) Alternativa: B

163) Alternativa: A

164) Alternativa: B

165) Alternativa: C

166) a) A conjunção *apesar de* estabelece uma relação de concessão, ou seja, liga duas idéias contrárias. No fragmento em questão, as idéias ligadas (ter um papel importante e incluir enciclopédias e jogos que educam) não são opostas.

b) Há várias possibilidades:

O computador vem assumindo um papel cada vez mais importante na educação, **já que/porque/uma vez que** inclui enciclopédias em CD-rom e possui jogos que educam e divertem.

167) Alternativa: B

168) Alternativa: D

169) A palavra “mesmo” tem valor concessivo, significando “apesar de, embora, ainda que”.

170) Alternativa: A

171) Alternativa: D

172) Alternativa: A

173) Alternativa: D

174) Alternativa: D

175) Alternativa: B

176) Alternativa: B

177) Faziam doer a mão calosa funciona como consequência e de tão violentas funciona como causa. A relação é, portanto, de causa e consequência.

178) Alternativa: A

179) V

F

V

F

F

V

180) Alternativa: D

181) Alternativa: A

182) Alternativa: A

183) Alternativa: B

184) Alternativa: A

185) Sim. Usando-se **Por que**, cria-se uma relação de causa e usando-se **Para que**, finalidade.

186) Alternativa: A